

ILUSTRAÇÃO



5.º ANO
N.º 102

Lisboa, 16 de Março de 1930

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00

o CARRO PLEBISCITARIO



57

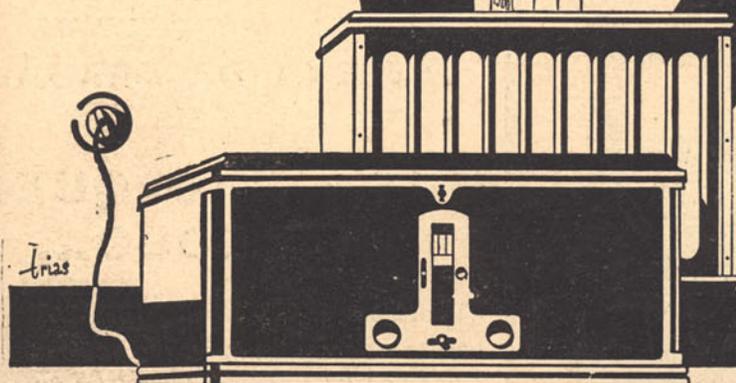


RADIO TELEFUNKEN

O «NON PLUS ULTRA» DO «RADIO»

TELEFUNKEN 40

com selecção das estações europeias por kilociclos; liga-se directamente à corrente de iluminação. Sem antena exterior. Peça folheto e demonstração a tôdas as casas de material de «rádio»



A mais antiga experiência
A mais moderna construção

TELEFUNKEN



SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215

UMA INDISCUTIVEL VERDADE

CHRYSLER-SIX

6 TIPOS DE AUTOMOVEIS

SEMPRE OS MAIS PERFEITOS E SEM RIVAL

na aceleração fulminante, na duração comprovada, no silencio e na economia

IMPERIAL

77
75
70
66
65

AGENTE GERAL

A. BEAUVALET

Rua 1.º de Dezembro, 137 — Lisboa

CASA FUNDADA

EM 1902

NO NORTE

ANGEL BEAUVALET

Rua Santa Catarina — Porto

MAGAZINE BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE MARÇO

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

DIRECTORA: D. Emilia de Sousa Costa

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

HELENA DE ARAGÃO

N.º 15

QUEM NÃO QUERE SER LOBO...

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

EDIÇÃO DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
SUCESSORA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS —

Quereis a felicidade de vossos filhos pequeninos?

Dai-lhes a ler este encantador livrinho, escrito em linguagem simples e sugestiva e com magnificas ilustrações de D. Mamia Roque Gameiro.

PREÇO: 5\$00

A venda na Filial do Diario de Noticias, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11, e em todas as livrarias.



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS
dá á pele uma beleza e uma
frescura incomparáveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptível, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A'venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C.ª Lda 119, RUA DA MADEIRA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA — RUA DAS FLORES, 192, 1.ª

RAINHA DA HUNGRIA
OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA**

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA




Para conduzir bem a nau
da vida,

atravez da nossa epoca, tão tormentosa
e ruidosa, são necessarios nervos d'aco e
serenos, dominação de si mesmo; perspicacia
e clareza de vista. Ainda mesmo que
de vez em quando as vagas arranquem o
léme das mãos do piloto, este conseguirá
levar o barco ao porto seguro.

A todo aquelle, porém, que não tenha,
de natureza, serenidade de espirito, energia
e dominação de si mesmo, os

Comprimidos de
Adalina

dão força e energia para vencer as difficul-
dades da vida. Os comprimidos de Adalina
são um producto de confiança da Casa Bayer
e ensaiado por milhares de medicos. Informe-
se com o seu medico!

**Os bebés de hoje são
os alicerces
da raça**



*Oh, Mães extremosas! Procurem fazer
com que os seus filhinhos cresçam sa-
dios, robustos, com toda a vivacidade.*

A Maizena Duryea oferece os meios para V. S. pre-
parar pratos que os bebés acharão deliciosos e que são
ao mesmo tempo nutritivos e de facil digestão.

A Maizena Duryea contem os elementos nutritivos
necessarios para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar
vigor aos delicados musculos que com tanto esforço mal
aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia
os seus primeiros passos e que, no emtanto, formam a
verdadeira base do organismo sadio e robusto da creança
do amanhã.

Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde
se eontram as receitas de muitos pratos especiaes para os
bebés, além de muitos outros, deliciosos e alimenticios para
toda a familia. Com prazer o enviaremos gratuitamente.

Carlos de Sá Pereira, Limitada
R. Arco Bandeira, 115 — LISBOA



Nome _____
Rua e No. _____
Cidade _____

**MAIZENA
DURYEA**

BIBLIOTECA
DE
INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

A mais completa que se publica em língua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

ULTIMO VOLUME PUBLICADO:

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira, e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

=====
Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito se avantajava, na soma dos conhecimentos e na clareza da sua exposição, a todos os congéneres até agora aparecidos.

=====
670 PÁGINAS E PERTO DE 715 GRAVURAS

PREÇO 30\$00

=====
OUTROS VOLUMES RECENTES:

FISICA ELEMENTAR

pelo cap. VALDEZ BANDEIRA e segundo
: : o programa das Escolas Industriais : :

=====
ELEMENTOS DA HISTORIA DA ARTE

pelo prof. e ilustre pintor J. RIBEIRO CRISTINO DA SILVA

=====
NOVAS EDIÇÕES, NO PRELO:

TRABALHOS DE CARPINTERIA CIVIL
FERREIRO — ELEMENTOS DE PROJECCÕES

Dirigir pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

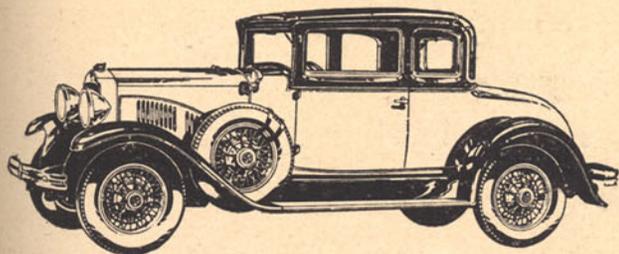
REO

NOS SEUS NOVOS TIPOS

DE AUTOMOVEIS

MODELOS STANDARD E SPORT

AS CONDUITES "REO" DISTINGUEM-SE PELAS SUAS INCONFUNDIVEIS LINHAS, ELEGANTES E SOBRIAS



Convidamos os Ex.^{mos} Automobilistas a examinarem a nova caixa de velocidades REO, absolutamente silenciosa em prise e em segunda e em que as mudanças se fazem a qualquer andamento do carro, sem o menor esforço nem o perigo duma má engrenagem. Os estudos para esta caixa de velocidades duraram 7 anos.

Uma bela gama de carroseries em Torpedo, Phaeton, Roadster, Coupé de Ville, Sedans de 5 e 7 lugares.

O melhor material aliado à mais cuidadosa construção.

CONTRERAS & GARRIDO, L.^{DA}
Avenida da Liberdade, 165 a 171
LISBOA

TELEF. { Direção n.º 6795
{ Oficinas e armazem: N. 789

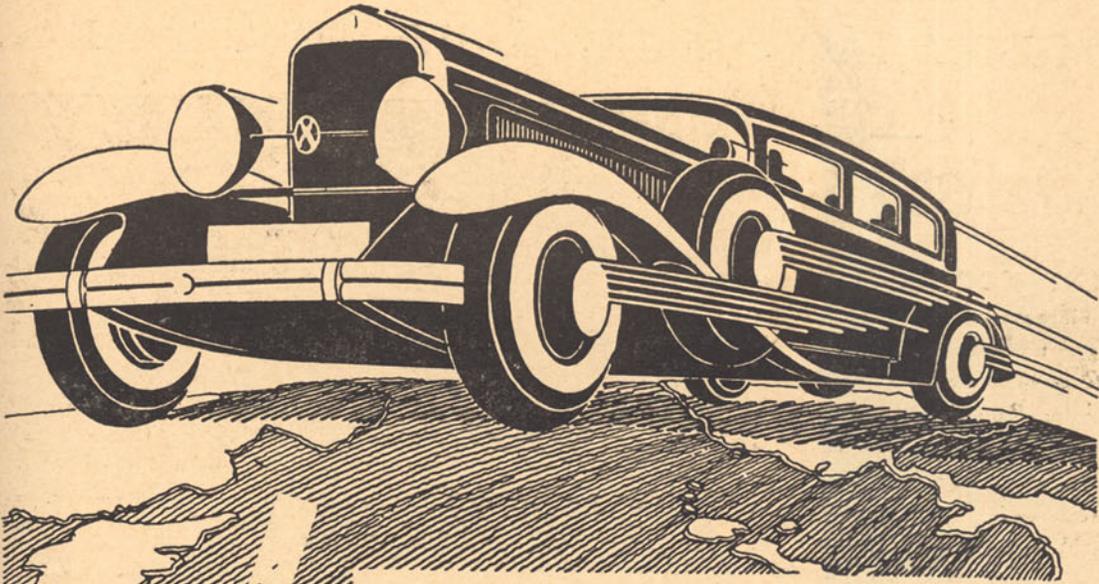
15
20
E
25

Estão espalhados por todo o paiz os produtos de NALLY



Regeitar os artigos de beleza que
não tiverem bem clara a palavra
NALLY nos seus rótulos.

Os produtos BENAMÔR são perfumados com essencias de NALLY*



OS 8 CILINDROS TEEM OBTIDO UM VERDADEIRO TRIUNFO MUNDIAL!

A incontestável superioridade dos carros de 8 cilindros ficou plenamente demonstrada em 1929, com a apresentação de 17 modelos novos, de 8 cilindros, no "Salon" desse mesmo ano. A Casa Studebaker vende maior numero de carros de 8 cilindros do que qualquer outra marca, prova incontestável da supremacia dos seus 8 cilindros, cujas superiores qualidades de funcionamento, conforto, e tantas outras, conquistaram a preferencia do publico, justificada ainda pela satisfação que todos aqueles que já possuem estes carros manifestam.

A Studebaker apresenta hoje, com a garantia da sua experiencia de longos anos, 3 novos modelos : Dictator 8, Comandante 8 e Presidente 8.

*Podeis comprar estes carros
com o vosso rendimento, sem
tocar no capital.*

Unicos representantes para Portugal :

C. SANTOS, LTDA.

Lisboa : Rua do Crucifixo 55 a 59

Porto : Palacio do Automovel - Rua de Santa Catarina, 663.

C3 15 20

STUDEBAKER

«DE QUE ADMIRAVEL MODO REPRODUZ
A MUSICA TÃO MINHA CONHECIDA E AMADA»...

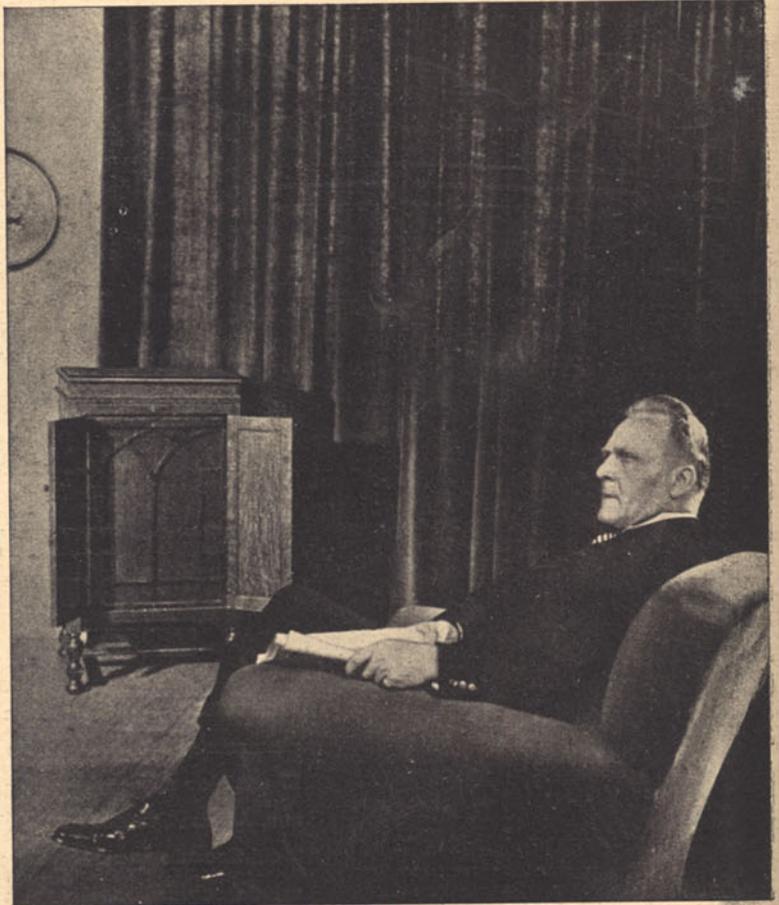
—diz
Feodor Chaliapine

SENTANDO perto do seu magnifico gramofone, Chaliapine escuta alguns trechos da musica sua preferida. O grande cantor russo, criador magistral dos «Barqueiros do Volgá» e de «Boris Godounov», gosa amplamente a emoção intensa de ouvir a sua própria voz robusta e impecavel que no aparelho «His Master's Voice» se reproduz com toda a perfeição.

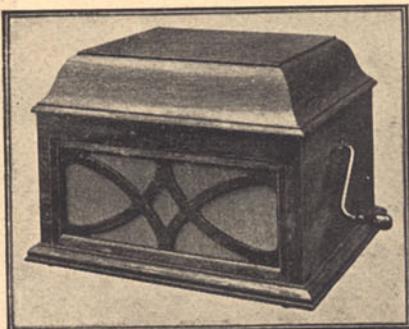
«Sempre que escuto nos discos «His Master's Voice» as criações dos meus amigos, ou as minhas próprias», diz Chaliapine, «é com admiração que constato com que exacta perfeição êsses discos e êsse aparelho reproduzem a musica tão minha conhecida e amada.»

«Cada nota, cada instrumento, o suave fio de voz de um cantor ou o conjunto brilhante de uma grande orquestra ao chegarem-me tão exactos, e com uma tão nitida pureza, fazem reviver em mim toda a emoção e o prazer que a boa musica desperta nos temperamentos artisticos. Só «His Master's Voice» consegue reproduzir com tanta fidelidade as nossas criações.»

Como os principais artistas, sejam portuguezes ou estrangeiros, Feodor Cha-



Feodor Chaliapine escuta atentamente como o gramofone «His Master's Voice» reproduz todos os matizes da sua voz vibrante e maravilhosa



O novo modelo de mesa, 104, tem a mesma perfeita sonoridade dos modelos grandes e fabrica-se em carvalho e mogno

liapine confia exclusivamente a «His Master's Voice» o direito de gravar o seu repertorio. Visite qualquer casa onde se vendam os aparelhos e discos desta marca; examine os elegantissimos modelos tipos movel, mesa e portáteis; e oiça, em qualquer dêles, os discos de Chaliapine e de outros artistas seus predilectos.



“HIS MASTER'S VOICE”

GRANDE BAZAR DO PORTO, LDA.

Lisboa
Rua Augusta, 150-152

Porto
Rua de Sta. Catarina, 192-198

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procição)

Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 102

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:

JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:

EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE

E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef.: T. 821 a 824

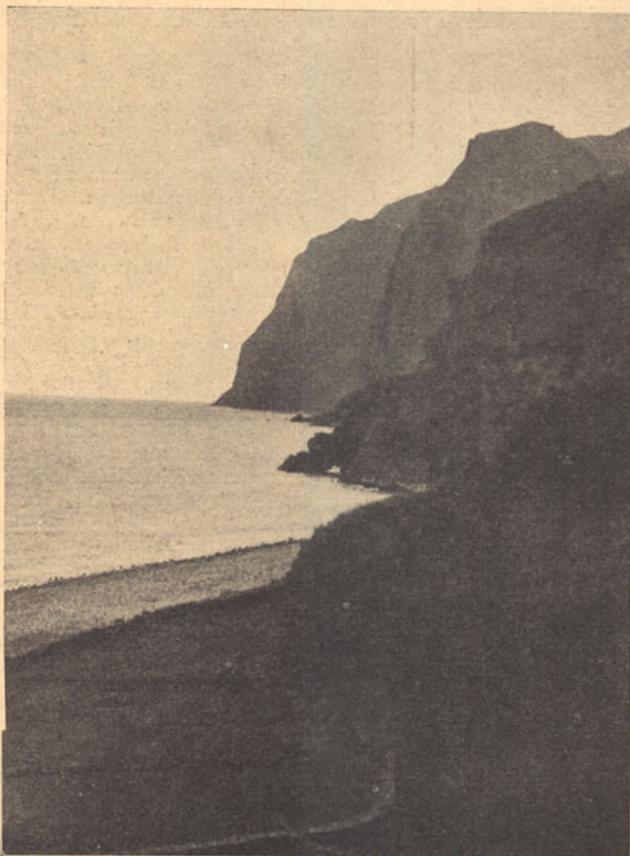
16 DE MARÇO DE 1930

A CATASTROFE DO CABO GIRÃO

Os Açores, o formoso arquipélago vulcânico do Atlântico, um dos vergéis de Portugal, acaba de sofrer mais um cataclismo terrível a aumentar as dôres sempre em chaga aberta daquela terra mártir. A ridente vila ribeirinha de Câmara de Lobos, terra de mareantes e pescadores, foi assolada por um horrível flagelo. A ponta do Cabo Girão, imensa mole de imponente aspecto afrontando orgulhosamente o mar, que sempre fôra protecção carinhosa para a pequena e lindíssima baía, sacudida talvez por um extremeção sísmico, desmoronou, fragorosamente, sobre a pequena enseada e parte da risonha terra de pescadores humildes. As águas, em cachão irreprimível, invadiram ruas e praças, casas em que a vida decorria plácida, sem cuidar da trêda morte que vigia sempre, a maldita. O pavor, a angústia, a luta contra o impossível, atingiram grandiosidade dan-tesca.

Quando as águas retiraram e sossegou o rugir do mar e o desmembrar das terras, estava o povo açoreano, estavam todos os portugueses, de luto pesado. Vítimas por todos os lados. A desolação e a dôr em tantos lares... Deus se amerceie daquelas lindas terras que merecem mais carinho pela sua beleza e pela bondade do povo que as povoa!...

As nossas fotos, inéditas, da autoria do nosso querido colaborador dr. Salazar Carreira, representam, em cima, a importante mole do Cabo Girão vista da vila, e em baixo, o panorama ridente de Câmara de Lobos, ao fundo da sua pitoresca baía e sob a ameaça do cabo gigantesco que se vê ao fundo.





CRONICA DA QUINZENA

O Parlamento francês, diga-se em honra do regime parlamentar, foi admirável de serenidade, de grandeza, de elevação patriótica, durante o longo e doloroso período da guerra — uma eternidade de quatro anos!

Ele foi o pensamento e a acção; foi a ideia, o sentimento, o esforço, isto é, foi o cérebro que raciocina, o coração que sente e o braço que executa. Nas horas incertas, de trágica ansiedade, ele não se perturbou um só instante; nem perdeu o sentimento das realidades presentes, nem deixou de ter a clara visão dos sucessos futuros. Representante da soberania nacional, por delegação legítima, mediou o perigo em toda a sua extensão, e assentou em que para a França havia uma só destas duas soluções — succumbir com honra ou triunfar com glória.

Foi ele, o Parlamento, que dirigiu toda a política da guerra, a política dos combates sangrentos nos campos de batalha e a política das negociações diplomáticas, no segredo das chancelarias.

Momentos houve em que todo o peso da guerra assentou sobre a França, à parte a diversão operada pela Rússia, na fronteira do oriente alemão. Milagre foi que não succumbisse, e esse milagre fez-lo a inteligência dos seus homens de governo, trabalhando em concordância com os seus cabos de guerra. Convém não esquecer que nos anos imediatamente anteriores à guerra se fizera em França uma formidável campanha contra a Pátria e contra o Exército, gritando-se por toda a parte, sobretudo nos grandes centros populacionais, que para o proletariado, a grande massa da Nação, não há nem pode haver outras fronteiras que não sejam as que extremam as classes, e que o Exército, fechado o ciclo histórico das conquistas, nada mais é que um instrumento da burguezia para assegurar os seus privilégios criminosos. Foi já a desandar para 1914 que o Parlamento votou a lei dos três anos, tornando-se manifesto, duma evidência irrecusável, que sem essa medida, que os mais prudentes reclamavam havia muito, não haveria as suficientes tropas de cobertura para o caso de ser declarada a guerra.

Sem dúvida que o Parlamento francês não deixou de ser multidão pelo facto da França estar em guerra com a Alemanha; mas essa multidão, por efeito das circunstâncias, como que se tornou homogênea, — um só pensamento e uma só vontade.

A nítida consciência das suas responsabilidades intensificou o sentimento dos seus direitos, de nenhum abdicando por qualquer ordem de razões. Um general prestigioso, sobraçando a pasta da guerra, em nome dos

mais altos interesses nacionais, recusou um dia, no mais acêso da guerra, dar ao Parlamento explicações que lhe pediam os representantes da Nação.

O que sucedeu?

Sucedeu que esse ministro teve que abandonar a sua pasta, não consentindo o Parlamento, legítimo representante da Nação, que o governo o não habilitasse com todas as informações e esclarecimentos que ele lhe pedisse para bem desempenhar a sua função patriótica.

Grande País, a França, semelhante a Israel na sua predestinação histórica, sempre a última a colher os frutos da larga sementeira que faz, que tem vindo a fazer pelos tempos fora, sementeira das ideias mais alevantadas e dos sentimentos mais generosos.

A hora que passa ainda não é de guerra; a França está em paz com todo o mundo, a discutir com todos na tranquillidade das conferências internacionais. Mas nuvens grossas vão-se acastelando no horizonte europeu, e a França, mais do que qualquer outra Nação da Europa, tem de manter a pólvora seca, acatelandada contra as peores eventualidades.

A conferência de Londres, sobre o desarmamento naval, pode ser a boceta de Pandora, e pode ser a caverna de Eolo. O que ali se resolver poderá assegurar a paz, e poderá desencadear a guerra. Pois duas crises ministeriais se deram em França, no intervalo de poucos dias, ambas de origem parlamentar, a uma e outra sendo estranha a opinião pública, que não é, em França, uma banalidade retórica. Dir-se-ia que os políticos franceses só tem juízo perante os perigos nacionais, nos intervalos dando largas, sem continência, à sua vis política, que frequentemente os desvaia.

Há no Parlamento francês, presentemente, um número tal de grupos que torna imensamente precária a vida dos Ministérios. Exactamente porque são muitos, não é fácil congregá-los para a realização dum programa governativo, cada um desses grupos tem o seu programa, que pretende realizar na integra. É verdade que esses programas não diferem substancialmente uns dos outros,

podendo facilmente reduzir-se a dois ou três que mereçam tal denominação.

O sistema parlamentar inglês tem girado, desde que se fundou, sobre este eixo — dois únicos partidos de governo, o liberal e o conservador, o partido da ordem e o partido do progresso, segundo a fórmula comteana. A evolução económica, mais que a evolução política, determinou o advento do partido trabalhista, que fará desaparecer, naturalmente, um dos dois partidos históricos, mas a dinâmica governativa não será gravemente transformada se os três partidos subsistirem.

Dos grupos ou partidos, em França, com o devido respeito, quasi se pode dizer o que dos mentecaptos se diz nos Evangelhos — *stultorum numerus infinitus est*. A ambição e a vaidade dos homens, muito mais que a divergência nas doutrinas de governo e nos processos de governar, explicam o facto que se dá naquele País, e que já teve em Portugal lamentável repercussão. Simplesmente em França há gente de reconhecida competência para muitas combinações ministeriais, ao passo que em Portugal não sucede assim.

Dá-se na política uma coisa parecida ao que se dá na Agricultura. A extrema concentração da propriedade, originando os *latifúndios*, faz diminuir a produção; mas uma excessiva divisão da propriedade origina a miséria. Semelhantemente a extrema concentração das forças políticas origina a immoralidade administrativa, e conduz à tirania; o seu agrupamento em pequenas unidades, sem força para a conquista do Poder, origina a desordem, percursora, tantas vezes, do despotismo.

Entre nós, na vigência da Monarquia constitucional, dois grandes partidos, o Regenerador e o Progressista, exerciam alternadamente o Poder, que a princípio alcançavam por indicação mais ou menos artificiosa da opinião pública, e depois por mero arbítrio do rei. Quando começaram as Dissidências, isto é, a multiplicação dos partidos, por disparidade, o Parlamento converteu-se num campo de justas mesquinhas e por vezes rídeulas, não havendo mais ordem nem seriedade nas altas esferas da governação pública. Nenhuma dissidência vingou em Portugal; a de João Franco deu a tragédia da rua do Arsenal, em que, de facto, baqueou a Monarquia.

Pouco aproveitaram os republicanos com a lição, perturbada a vida pública, nos últimos anos, por todos os ambiciosos que não sabem falar fora do Parlamento, e só sabem escrever no *Diário do Governo*.

BRITO CAMACHO.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

O ENCANTADOR CARNAVAL DAS CRIANÇAS



Um lindo pagem de Filipe II, a menina Maria Helena Pereira Gonçalves, primeiro prêmio do concurso infantil de mascaras no Grémio de Trás-os-Montes



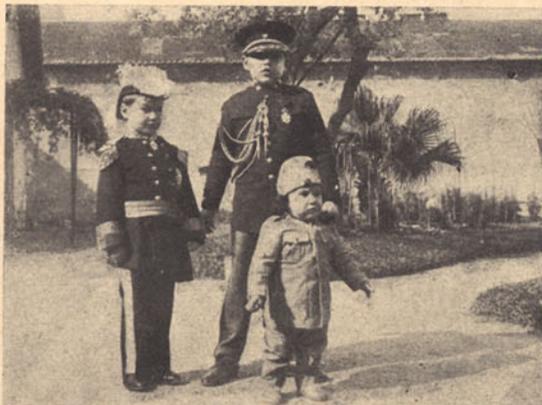
AO ALTO DA PÁGINA: — Assistência ao baile infantil, mascarado, no Avenida Palace, a que concorreram as mais lindas crianças das melhores famílias da sociedade lisboeta

EM CIMA: — Lindas crianças deliciosamente mascaradas na matinée realizada em casa da ilustre professora de dança M.^{ms} Britton's e que se tornou verdadeiramente encantadora pela graciosidade das gentis meninas discipulas da distinta organizadora das festas

(Fotos «Ilustração»)



EM CIMA: — Um encantador grupo de crianças concorrentes à deliciosa festa infantil que, no Carnaval, se realizou no vasto Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes com o maior dos êxitos e enorme animação, constituindo uma festa deliciosa e memorável



A ESQUERDA: — Uma hierarquia militar completa: Carlos Eurico Lisboa, de 16 meses, Pedro Eurico Lisboa, de 5 anos, e João Eurico Lisboa, de 8 anos

NO OVAL: — Um travesti originalíssimo. A gentil menina Maria Amélia de Moraes Vale, vestida de... bomba de gasolina da Vacuum





Uma varininha graciosa, Maria da Graça Cupertino Ribeiro



Uma vendedeira de ovos de 4 anos, Lizette Afonso Rodrigues Azenha, da Figueira da Foz

NO OVAL DE BAIXO: — Um dos animados e distintíssimos bailes na Liga Naval, promovidos, com o maior êxito, pela direcção daquela aristocrática instituição



Assistência elegante ao baile de sábado gordo no Royal British Club



Gentis senhoras e rapazes da colónia trasmontana nos bailes do Grémio de Trás-os-Montes



NA LEGAÇÃO DA BÉLGICA. — Assistência ao deslumbrante baile. Ao centro o sr. Ministro dos Estrangeiros



(Fotos «Ilustrações»)



NO MEDALHÃO: — Uma das máscaras mais gentis do Casino Internacional do Estoril, M.^l Loucia Kain, vestida de «Miss Veramon»

NO PORTO
 =
 CARNAVAL
 DAS
 CRIANÇAS



No Porto, como todos os anos, o Carnaval foi muito festejado, mas a nota gracil foi, como de costume, dada pelas criancinhas mascaradas. EM CIMA: — Grupo de gentis mascaradas, concorrentes ao baile infantil da antiga e brilhante agremiação «Club dos Fenianos»



EM CIMA: — Matinée infantil nos salões do Teatro de S. João. A assistência «miuda» que riu e folgou alegremente, envergando os mais caprichosos disfarces

A DIREITA: — Grupo de crianças da Escola Infantil n.º 1, que tomaram parte, mascaradas, nas festas realizadas naquele estabelecimento de educação infantil

(Fotos Alvaro Martins.)



Os estudantes organizaram belas brincadeiras de Entrudo. A multidão presenciando o desfile do cortejo das «Ilustres e Notabilíssimas Personagens» entre as quais o general Kuticpof, Clara Bow, Mistinguett e Greta Garbo, caricaturadas pelos moços foliões



ACTUALIDADES DE TODA A PARTE

A ESQUERDA: — Sanchez Guerra, antigo presidente do Conselho de Espanha, rebelde contra Primo de Rivera na célebre sedição de Valência e cujas declarações políticas acabam de causar uma tão grande celeuma em Espanha pela attitude abertamente contrária à permanência de D. Afonso XIII no trono espanhol. O respectado político com vários dos seus amigos políticos, seu filho Rafael (o 1.º do 2.º plano da esquerda), e o sr. Piñés (o penúltimo contando da esquerda)

NO OVAL, de baixo: — Sanchez Guerra pronunciando o célebre discurso do Teatro da Zarzuela de Madrid, que deu lugar a tão grande efervescência republicana na capital do visinho reino

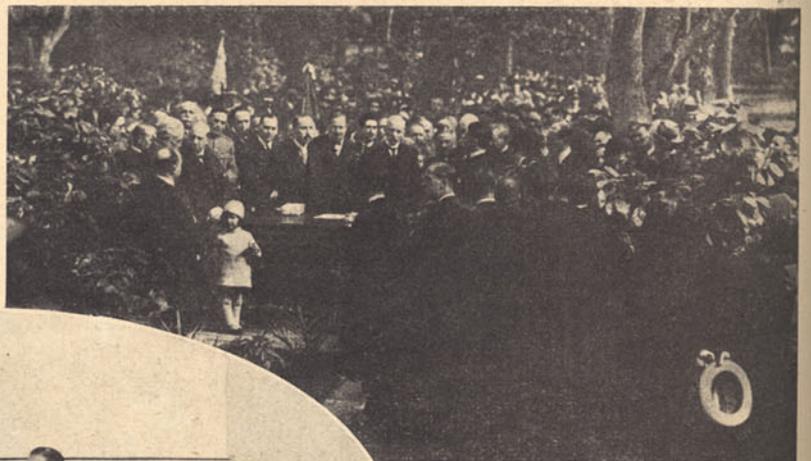
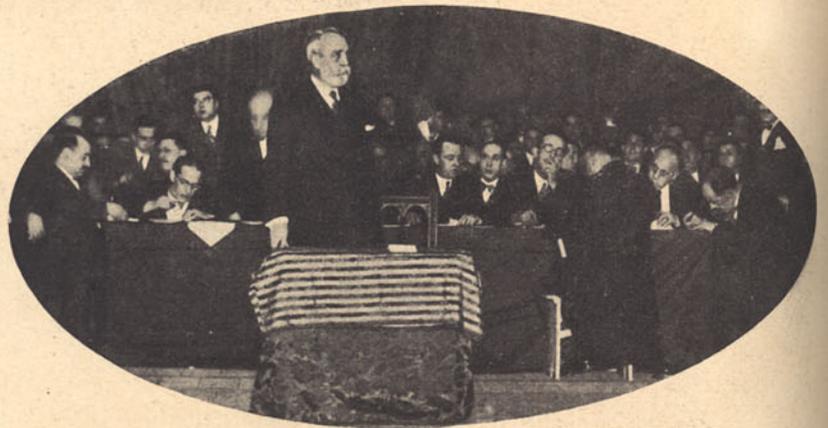
(Fotos Orrios)



UM ALVES DOS REIS ALEMÃO

Frantz Fischer ou Franz Voigt, o célebre *escroco* alemão agora descoberto falsificador dos milhões de notas de 100 dollars que inundaram há pouco toda a Europa central, numa aluvião gigantesca que marca uma das maiores burlas da história

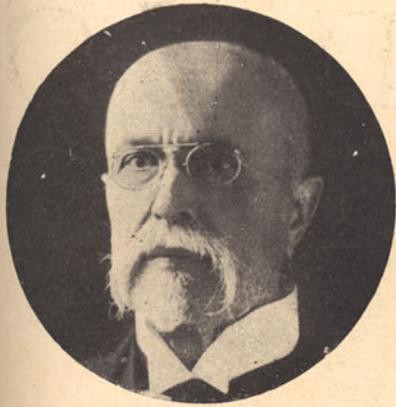
(Foto Orrios)



EM CIMA: — Deposição da primeira pedra para o monumento a João de Deus, a crigir no Jardim da Estréla, comemorando o centenário do nascimento do poeta. O chefe do Estado e o Governo presidindo à cerimónia

NO OVAL, à esquerda: — Aspecto da conferência que o sr. engenheiro Correia de Barros Júnior realizou na Associação Comercial dos Lojistas, sob o título «O que eu vi em Angola», e que constituiu uma apreciável exposição de palpitações assuntos coloniais, muito apreciada pela assistência, em que se viam alguns dos grandes nomes da nossa *Elite* económica e colonialista

FIGURAS DO MOMENTO



MASSARYK

O presidente da República Tchecoslovaca, figura eminente no concerto mundial e que acaba de completar oitenta anos, sendo homenageado pelos seus compatriotas.



DR. JÚLIO PRESTES

Antigo governador do Estado de S. Paulo, que acaba de ser eleito presidente da grande República Federal Brasileira e de cuja acção se esperam grandes benefícios para a grande nação da América do Sul.



ALMIRANTE HORTY

O ditador húngaro acaba de ser festejado pelo 10.º aniversário da sua ditadura que parece ter sido, assim, tornada em regime normal na Hungria.

(Foto Orrios)



DR. FRANCISCO VELOSO

Ilustre colonial, há dias regressado de Lourenço Marques, depois de uma estadia de meia dúzia de anos em Angola e Moçambique e que tem sido muito festejado e acarinhado pelos seus amigos e admiradores.



ADRIANO COSTA

Insigne paisagista cuja exposição tem constituído um legítimo êxito artístico, consagrado pela crítica mais exigente.



DR. CARLOS DE PASSOS

Notável erudito e director dos Monumentos de Portugal, valiosa colecção de inventário das nossas riquezas artísticas, que recentemente obteve o patrocínio do Conselho Nacional de Turismo e mereceu também, do Ministério da Instrução, uma portaria de louvor. Este ilustre publicista, que é colaborador da *Ilustração*, acaba de ser eleito sócio da Real Academia de História de Madrid, um dos mais prestigiosos institutos culturais da Europa, por proposta dos eminentes académicos, sr. D. Pedro de Novo y Coñon, Marquês de Villaurruti e Duque de Serclaes.



MAURICIO CHEVALIER

Célebre cançonetista parisiense, actualmente um dos ídolos do cinema americano e a quem uma desconhecida admiradora yankee acaba de deixar, em herança, a fabulosa quantia de cinquenta milhões de dollars.

(Desenho de Fournier)



JOSÉ VIANA DA MOTA

Ilustre director do Conservatório de Lisboa e um dos mais excelsos pianistas do mundo, que acaba de dar um concerto magnifico em que a sua arte prodigiosa interpretou belas páginas de Chopin.

(Retrato por Collinbano)

U M Q U A D R O H I S T Ó R I C O

Numa das minhas últimas viagens ao norte, adregou-me de passar alguns dias na encantadora casa de António Corrêa de Oliveira, em Belinho (Espozende), onde o grande poeta se foi refugiar, embalando o seu sonho no rumor oceanico como um alceon ferido, cansado de voar sobre os abismos e as névoas.

A quinta é acolhedora, com seu largo terreiro, suas grandes árvores e essa espécie de santidade de que o tempo unge as coisas e os seres que muito serviram e muito amados foram na cadeia das gerações. A casa, senhorial, cheia de preciosidades, respira a beleza e a grandeza das coisas simples que a envolvem — um pomar, rosas, pombos brancos, pinhais, dunas, o oceano.

Mas uma das coisas que, por sestro profissional, mais vivamente me interessou, foi um quadro militar de fins do século XVII, provavelmente pintado no Brasil, e que na sua ingénua composição, no pitoresco da alegoria, na exactidão de certos pormenores, constitui a meu ver um precioso documento iconográfico para a história militar portuguesa, dos tempos do Brasil Colonial.

De vastas dimensões (2,18 x 1,22), a tela representa a segunda batalha dos Gararapes, última grande vitória portuguesa na guerra da restauração pernambucana; e, segundo a tradição corrente na família Cunha Sotomaior, com quem o poeta se aliou por casamento, foi nos meados do século XVII mandado pintar e oferecido à família por companheiros de armas do sargento-mor Paulo da Cunha Sotomaior, para celebrar a sua heróica morte na famosa batalha.

Pouco conhecida entre nós — como aliás tudo quanto diz respeito aos nossos fastos militares do Ultramar — essa segunda batalha dos Gararapes é das mais lídimas glórias de que se pode orgulhar o Portugal colonizador. Tentaremos em breve descrição dar uma ideia do que foi a acção, a fim de vermos o que há de flagrante, de textual, na figuração e composição do quadro.

Ocupando ainda, em 1649, o Recife e o norte de Pernambuco, os holandeses, estreitamente assediados pelo capitão-general Francisco Barreto de Menezes, com um corpo

de tropas mixtas (reinais, índios e negros), resolveram, por ordem de Amsterdam, tirar decisiva desforra da batalha, um ano antes ferida nos montes Gararapes, excelente posição defensiva que, só por esse facto, parecia ter dado a vitória aos portugueses.

Sabido isto no acampamento português, Francisco Barreto sai com um corpo de 2.600 homens e é logo atraído para os montes Gararapes, onde o coronel holandês Bruick, à testa de 3.500 homens, dispusera as suas forças nas mesmas posições defensivas ocupadas pelos nossos um ano antes para a primeira batalha. Mas, inferior em talento estratégico, não reparara o holandês que tinha desaproveitado certas circunstâncias do terreno, favoráveis à nossa anterior vitória, como, por exemplo, um boqueirão pantanoso que então nos protegera a vanguarda e agora lhes cobria o flanco esquerdo.

Foi a 18 de Fevereiro que as tropas portuguesas se defrontaram com as fortíssimas posições de Bruick. Os holandeses eram superiores em número; e a ofensiva portuguesa tornava-se uma dupla temeridade, antes que surgisse um incidente favorável ou se desmascarassem as intenções inimigas. Assim, até ao meio-dia ambos os adversários se conservaram inactivos — os portugueses pelos motivos expostos; os holandeses por não terem sabido escolher judiciosamente o terreno e a maioria das suas tropas se achar desde manhã à torreira do sol, em sítio árido, sem sombra nem água. Tão insustentável por fim se lhes tornou a situação que o coronel Bruick decidiu a evitar combate e operar uma retirada estratégica.

Foi esse momento crítico que o hábil general Francisco Barreto aproveitou para atacar. O dispositivo das suas tropas era, na vanguarda o mestre de campo Francisco de Figueiroa com 300 homens; o grosso da columna, ao centro, (940 homens), com os terços reinais do mestre de campo André Vidal de Negreiros, o terço negro do negro Henrique Dias e o terço índio de D. Diogo Pinheiro Camarão, primo do famoso Potyguarussú, já falecido: a rearguarda, sob o comando de João Fernandes Vieira, pouco mais alinhava de 1.300 homens.

Desenhado nitidamente o movimento da retirada holandesa, Francisco Barreto concebe o plano de fazer primeiro bater simultaneamente os dois flancos inimigos e ordenar depois um movimento convergente de todas as suas tropas sobre o centro dos adversários.

A manobra, excelentemente ordenada, começou pelo ataque de João Fernandes Vieira, apoiado pelos terços dos índios e dos negros, ao flanco esquerdo holandês, que, não tendo guarnecido totalmente o terreno, deixara uma passagem praticável entre o pantano e o sopé dum monte. Ao mesmo tempo, Negreiros, com o seu terço, as tropas de Figueiroa, de António Cardoso e a cavalaria de António da Silva, acometiam o flanco direito inimigo. Francisco Barreto, tendo constituído uma forte reserva à rearguarda, aí aguardou o desenvolvimento dos dois ataques simultâneos para intervir no momento decisivo quando, batidos os dois flancos, João Fernandes e André de Negreiros operassem conjuntamente as conversões necessárias para caírem sobre o centro holandês, também já em movimento.

Não foi muito fácil a João Fernandes, apesar do seu ímpeto e da ajuda de algumas companhias de reserva enviadas pelo capitão-general, penetrar no boqueirão e destroçar os regimentos que o defendiam. Negreiros, porém, apoiado por Figueiroa, facilmente pôde derrotar completamente o flanco direito adversário em plena retirada. Mas pelo próprio movimento da retirada, quando Negreiros no seu flanco, mais cedo que Vieira no flanco oposto, convergia para o centro a fim de completar a manobra, defrontou-se imprevisivelmente com tropas holandesas, ainda intactas, que decerto o teriam rechasado se Francisco Barreto não intervisse a tempo com toda a sua reserva, equilibrando as forças e repelindo os holandeses. Entretanto, Vieira, um pouco mais atrasado, depois de ter forçado o boqueirão, fazia também a sua conversão sobre o centro e, só com as suas forças, afrontava, no alto dum monte, o grosso das tropas holandesas comandadas pelo próprio coronel Bruick. A refrega foi renhida, e nela começava a fraquejar a



Avila



Avila



Avilez



Avinhal



Ayala



Aires



Azambuja



Azambuja



Azambuja



Azambuja



Azambuja



Azambujal

coluna mixta de Vieira, quando Francisco Barreto e André de Negreiros, já vitoriosos do seu combate no outro flanco, acabavam o seu movimento de conversão e, em auxílio de Vieira, caíam à retaguarda dos holandeses de Bruick.

A decisão da batalha não podia já ser duvidosa; no ardor da refrega, uma bala portuguesa, matando o próprio Bruick precipitou os acontecimentos com o desânimo e a

dente sobre o dinamismo da batalha. O ingénio e obscuro pintor fixou na tela, não um momento, mas a própria síntese panorâmica da acção; e tão escrupulosamente o fez que não se esqueceu de numerar na tela os cabos de guerra, as posições que ocupavam, o boqueirão, o terreno alagadiço, outras circunstâncias essenciais e, finalmente, em legenda explicativa à margem, designar tudo e todos pelos seus nomes, suprindo as deficiências

como improvisados guerreiros, que combatiam pela liberdade do solo, quasi desamparados do governo do Reino, também a braços com as angustiosas dificuldades da diuturna guerra da Restauração. Só quem tivesse estado na batalha, só quem *de visu* tivesse dado testemunho do desenrolar da acção poderia ter pintado ou inspirado o pintor para a composição do seu quadro votivo.

Porque o que importa, como valor do-



fuga desordenada do inimigo que deixava em poder dos portugueses 5 peças de artilharia, várias bandeiras, muitas armas e munições e, entre mortos, feridos e prisioneiros, cerca de 1.000 soldados e 50 oficiais, mais dum terço do efectivo total. As nossas perdas foram de 45 mortos e 200 feridos, entre os quais o negro Henrique Dias, ferido, e o sargento-mór Paulo da Cunha Sotomaior, morto na última fase da batalha.

Esta segunda vitória dos Gararapes veio a ser decisiva para a restauração de todo o norte do Brasil; e, em verdade, pelo orgulho da vitória, pelos elementos indígenas que para ela concorreram, por outros factores ainda, marca o início duma nova idade histórica para a formação duma consciência nacional brasileira.

Desacompanhada de qualquer narrativa, a composição do quadro nada nos diz de evi-

da composição por uma sucinta e elliptica narração do notável acontecimento.

E é justamente essa legenda explicativa a composição sintética do quadro, a ingenuidade de certos detalhes, o escrupulo de assinalar numericamente a posição relativa das tropas e dos comandos, o que, em nosso parecer, dá ao quadro o seu maior valor iconográfico. Lá estão as tropas índias e negras atacando os holandeses no seu plano esquerdo, pelo terreno alagadiço; lá se vê Negreiros empenhado em destroçar o plano direito holandês e aprisionar alguns canhões.

Não escapou ao pintor o pormenor flagrante de todos os holandeses se apresentarem calçados, bem fardados, flamantes, como tropas fornecidas por uma opulenta companhia comercial com poderes magestáticos; ao passo que os nossos se vêem na maior parte descalços, mal vestidos, mal armados,

é a terra de origem do quadro.

E naquelas tintas enegrecidas, naquele frio desenho, cujo convencionalismo nada nos diz da paisagem nem da atmosfera da terra brasileira, palpita no entanto um sentimento tão vivo da verdade, traduz-se tão directamente o fervor que animou a piedosa homenagem, que só em terras do Brasil e por mãos já brasileiras, ainda tôdas febris da excitação da vitória, a curiosa tela poderia ter sido pintada.

Quando um dia o Estado português pensar a sério na catalogação das suas glórias militares não poderá deixar de obter ao menos uma boa reprodução dessa tela, única ao que nos consta, em que se celebra essa vitória dos Gararapes.

Janeiro de 1930.

CARLOS SELVAGEM.



A clássica «Mulher barbada», uma beleza «suí generis».

O Criador inventou sem dúvida a humanidade num dos seus dias de bom humor. E, na verdade, se ela não existisse, era preciso inventá-la. Abstrai-a o leitor, por um momento e se é capaz, dos seus atributos de ente criado, e faça o favor de meditar neste espectáculo desconcertante: a humanidade a divertir-se com as suas próprias imperfeições. Não lhe dá vontade de rir?... Assim, um riso nervoso, misto de piedade e indignação? É claro que dá.

Ora isto de que a humanidade se ria consigo mesmo não é infelizmente caso novo na história dos povos. Conta-se de Nero, um senhor curruandado e de mau fígado, que, depois de dar morte à própria mãe, quis ver o efeito que lhe fazia Roma incendiada. E chegou-lhe o petróleo, o brincahão! As vezes, nos seus momentos de boa disposição, este desalmado filho de Agripina, mandava vir à sua presença a variada coleção dos seus bufões para que lhe fizessem companhia. E era então ver a tragédia daqueles pobres bocões humanos, que se sabiam a contos com as guelas das feras ao menor bocejo que assumisse à boca do senhor! Ver então como se agarravam à vida com ambas as mãos, arrancando, desesperadamente, do fundo da alma, ditos, esgares e piruetas, a única tábua de salvação, para eles, naquele mar tempestuoso e funesto.

De bobos que faziam o deleite das côrtes reais, falamos eloquentemente as crônicas das dinastias, e a famosa galeria de Velazquez aponta à nossa sensibilidade reluzentes coraças sobre corações mesquinhos... Havia-os que se julgavam sábios, reis, poetas e Adonis. Estranhar que divertissem os seus semelhantes, porquê? Os homens gostam de ver, em carne viva, ainda que seja em caricatura, a imagem das suas falsas convicções.

Mas, passaram os tempos, e a humanidade, à falta de bobos, que não abundam tanto como parece, estendeu a sua pureza histórica aos homens de cor. Ela, a humanidade branca, que depois de aproveitar alguns dos benefícios das suas civilizações remotas, confessou-se incapaz de se civilizar à sua imagem e semelhança e serviu-se deles como factores de riqueza e objectos de decoração. Ainda é dos nossos dias esse luxo de importar pretos da África como quem importa papagaios do Brasil ou macaquinhos da Índia. Daí, que a espécie dos papagaios e dos macacos mal se reproduza nestas frias latitudes e a dos pretos se propague, muitas



A «mulher-tronco», um exemplo da sobriedade máxima na elegância, escrevendo uma carta à sua maneira...

COMO A HUMANIDADE SE BUFÕES, PRETOS DADINHOS DE E SOL- CHUMBO A GALERIA DE FENOMENOS DO "LUNA PARK", DE PARIS

vezes sem o consentimento tácito do patrão...

Porém, os brancos hoje já se convenceram, e com bom tino, de que as diferenças são nulas, e há quem troque, como nós, um branco inútil por um preto útil. E dias chegarão em que, devassaladas as florestas virgens dessa África que se deu em chamar inhospita para encobrir a nossa incapacidade civilizadora, vejamos algum chefe de tribo, convertido então como qualquer branco e à

custa dos outros pretos num opulento banqueiro, ter em sua casa um branquinho para regosijo dos meninos. E achamos bem. A vingança é o prazer dos deuses. De resto, não faz senão aproveitar e seguir os nossos bons exemplos e sábios conselhos.

Mas os brancos, postos a divertir-se, sentem-se tão foliões que até se divertem com a própria sombra. Nós conhecemos alguns ranchos humanos, e não temos que andar

muito para dar com eles, em estados pequeninos, graciosos, de brinqueio quasi, que escolhem entre os súbditos os mais galantes e bem parecidos, peito forte e saliente, a cabecinha ao alto para não demandar grande péso. E é vê-los desfilar, a um grito de comando, galhardos e marciais, pomposos nas suas fardas com muitos botões e muitos amarelos, na cabeça um enorme penacho lindo a fartar, polainas reluzentes e duras nas canelas, para deleite da república embasbacada. O essencial é que a gente se divirta, seja embora à custa do próprio sangue. Porque há tribus destas, leitor, que para alimentarem todos este espectáculo, andam tão enfezadinhas que até metem dó.

Voltando, porém, às imperfeições humanas, a vida materializou-se tanto na época que atravessamos que já se fez delas uma verdadeira indústria. Algumas há tão renhidas que chegam os momentos em que anasimos — Dens no perdoe! — um pé de cabra ou qualquer outra deformação do corpo, que seria de proveito muito mais seguro e bastante menos laborioso do que este destino nuso que nos lança através das encruzilhadas da vida à busca do pão nosso de cada dia.

Paris possui um dos mais belos Luna Park do mundo, que contem, entre outras maravilhas de mais ou menos monta, uma Galeria de Fenómenos. É lá que se exibem esses



Os três homens mais gordos do mundo ou um terço de péso



Um par delicioso. O gigante Uranus e a anãzinha Simone, com o seu empresário, pessoa que tem mais gosto de ser como todos nós...

curiosos exemplares que hoje arquivamos nas nossas páginas a título de informação.

Veja o leitor a Mulher Barbada, com a sua expressão simpática e sorriso bondoso, o que geralmente não sucede com todas as restantes senhoras de pelo na venda. É talvez por isso que M.^{me} Barbe constituiu uma das atrações preferidas deste variado parque de recreios.

Outro dos números do Luna Park parisiense é La Femme Tronc, senhora muito chique e nada desgraciosa como se poderá verificar, que, em vez de desenhar os lábios como quasi todas, realiza, com a única ajuda deles, desenhos surpreendentes que fazem o assombro das suas numerosas visitas.

Depois de La Femme Tronc vêm Os Três Homens mais Gordos do Mundo, tenebrosa perspectiva para um chefe de família que tivesse de os sustentar sem o auxilio da multidão ingénu, que, num constante desfile, lhes vai deixando, em francos, o produto do seu suor de normais.

E, por último, O Gigante Uranus & A Anã Simone que, graças à sugestão dos contrastes, vão amanhando a vidinha sem dificuldades de maior. No meio, o seu manager serve de ponto de referência...

Scarou.



TABOÁ DÉCIMA SEGUNDA

ÁVILA (dos Açores) — Em campo de oiro uma árvore de sua côr entre duas águias de negro.

TIMBRE : Uma das águias do escudo.

D'or à un arbre au naturel accosté de deux aigles de sable.

CIMIER : *Une aigle de l'écu.*

AVILA (de Espanha) — Em campo de oiro treze arruelas de azul 3, 3, 3, 3 e 1.

D'or, à treize tourteaux d'azur posés 3, 3, 3, 3 et 1.

AVILEZ — Em campo verde uma tôrre de prata lavrada de negro, acompanhada, em ponta, de uma cabeça de mouro, cortada de vermelho, toucada de prata e sustida de uma maça de armas de azul, com haste de oiro, posta em banda.

TIMBRE : Meio mouro, sainte, com os braços nus, vestido de verde, toucado de prata, tendo ao ombro direito a maça de armas do escudo.

De sinople, à une tour d'argent maçonnée de sable accompagnée en pointe d'une tête de maure coupée de gueules, tortillée d'argent et soutenue d'une masse d'armes d'azur, fûtée d'or, mise en bande.

CIMIER : *Un demi maure, issant, aux bras nus, vêtu de sinople tortillé d'argent, portant à l'épaule dextre la masse d'armes de l'écu.*

AVINHAL — Chaveirado, de seis peças, três xadrezadas de prata e de negro de duas tiras e três de oiro pleno.

TIMBRE : Duas vides de verde, cada uma com seu cacho de oiro.

Chevronné de 6 pièces, 3 échiquetées d'argent et de sable de 2 tires et 3 d'or plein.

CIMIER : *Deux ceps de vigne de sinople fruités de 2 grappes de raisin d'or.*

AYALA — Em campo de prata, dois lobos de negro, armados de vermelho, passantes um sôbre o outro, bordadura vermelha carregada de 8 aspas de oiro.

TIMBRE : Um lobo passante de negro, carregado de uma aspa de oiro na espádua.

D'argent à deux loups de sable, armés de gueules, passant l'un sur l'autre, à la bordure de gueule, chargée de 8 flanchis d'or.

CIMIER : *Un loup passant de sable chargé d'un flanchis d'or, sur l'épaule.*

AYRES — Em campo verde um braço armado de prata, tendo na mão um punhal do mesmo com a ponta para baixo.

TIMBRE : O braço do escudo.

De sinople, à un dextrochère armé d'argent, tenant une dague du même, la pointe en bas.

CIMIER : *De dextrochère de l'écu.*

AZAMBUJA (de Fernão Gonçalves) — Em campo de oiro, 4 bandas de vermelho.

TIMBRE : Um selvagem sainte, cabeludo de oiro, tendo ao ombro uma clava de verde, pegando-lhe com ambas as mãos.

D'or à 4 bandes de gueules.

CIMIER : *Un sauvage issant chevelé d'or, portant à l'épaule une massue de sinople, qu'il tient à deux mains.*

AZAMBUJA (Diogo de Azambuja) — Cortado o 1.º em campo de oiro, 4 bandas de vermelho, partido de vermelho com um castelo de oiro; 2.º em campo azul duas cabeças de negro, com arrecadas e colares de oiro, alinhadas em faxa.

TIMBRE : O selvagem como no antecedente.

Coupé: au 1.º, à 4 bandes de gueules, parti de gueules à un chateau d'or; au 2.º d'azur, à deux têtes de nègre, accolées et bouclées d'or.

CIMIER : *— De sauvage comme au blazon antécédant.*

AZAMBUJA (descendentes de Diogo de Azambuja 1.º ramo) — Esquartelado: 1.º e 4.º em campo vermelho, um castelo rematado com 3 tôrres de oiro, aberto e iluminado de azul; 2.º e 3.º em campo de oiro 4 bandas de vermelho.

TIMBRE : O castelo do escudo.

Ecartelé: 1.º e 4.º de gueules à un chateau donjonné de 3 pièces d'or, ouvert et ajouré d'azur; 2 et 3 d'or à 4 bandes de gueules.

CIMIER : *Le chateau de l'écu.*

AZAMBUJA (de Diogo de Azambuja 2.º ramo) Esquartelado: 1 e 4 em campo vermelho um castelo rematado por 3 tôrres de oiro aberto e iluminado de azul. 2 e 3 em campo vermelho, 3 cabeças de negro com colares e arrecadas de oiro.

TIMBRE : Um grifo de vermelho, com asas, o bico e as garras de oiro.

Ecartelé: aux 1 et 4 de gueules à un chateau donjonné de 3 pièces d'or, ouvert et ajouré d'azur; aux 2 et 3 de gueules à 3 têtes de negres colletées et bouclées d'or.

CIMIER : *Un griffon de gueules aillé, becqué et armé d'or.*

AZAMBUJA (de Diogo de Azambuja 3.º ramo) Esquartelado: 1 e 4 em campo vermelho, um castelo rematado por 3 tôrres de oiro, aberto e iluminado de azul; 2 e 3 em campo azul duas cabeças de negro, com colares e arrecadas de oiro, uma sôbre a outra.

TIMBRE : O selvagem como nas anteriores.

Ecartelé: aux 1 et 4 de gueules à un chateau donjonné de trois pièces d'or, ouvert et ajouré d'azur; aux 2 et 3 d'azur, à deux têtes de nègre, colletées et bouclées d'or, posées l'une sur l'autre.

CIMIER : *Le sauvage comme aux antérieurs.*

AZAMBUJAL — Em campo de prata, um zambujeiro de verde, carregado no tronco de uma adarga de oiro, guarnecida de vermelho, o zambujeiro sainte de um contra chefe diminuto de azul, aguado do campo.

TIMBRE : Um ramo de zambujeiro de verde.

D'argent, à un olivier sauvage de sinople, chargé sur le fût d'une targe d'or bordée de gueules, l'olivier issant d'une mer d'azur flottée du premier émail.

CIMIER : *Une branche d'olivier de sinople.*

LIVROS E ESCRITORES



António Ferro

PRAÇA DA CONCÓRDIA — (Crónicas e reportagens literárias) — por **ANTÓNIO FERRO** — Empresa Nacional de Publicidade. — Lisboa.

António Ferro tem já diplomas oficiais e oficiais de cronista internacional. Caso complicado que surja nos dois continentes, conflagração ou congresso, Conferências de paz ou prenúncios de guerra, António Ferro aí vai logo, fendendo o espaço em *sleeping* ou pacote de luxo e... chega sempre.

É a característica especial deste jornalista que prova a inaniidade, pelo menos no seu caso particular, dos que negam a necessidade de o jornalista ser homem de letras.

Ferro chega sempre e fá-lo nas várias acepções da palavra, éle que, tão completamente e com tanta originalidade, exgota tódas as acepções das palavras que escreve, em *greguerias* de fino quilate.

Ferro chega no combóio, no pacote, no auto ou no avião, chega ao fundo dos assuntos e chega perfeitamente para os contar com uma amenidade, um pitoresco e uma original elegância que o constituem caso à parte na nossa fauna jornalística. E chega... isto tudo para justificar a sólida popularidade do seu nome literário, a voga indiscutível dos seus artigos, dos seus livros e até a antipatia de muitos, de alguns cuidadosamente disfarçada pelas suas atitudes intelectuais. E até este factor da hostilidade de alguns chegaria, por si só, para afirmar que António Ferro alguma coisa vale na verdade, se essa afirmação de valor não estivesse já feita e sólidamente documentada por uma meia dúzia de livros, dos quais esta «Praça da Concórdia» é talvez o mais arejado, amplo e soalheiro, e, sem dúvida, o mais «jornalístico» de todos. Entrevistas, crónicas, impressões, pequenas aguarelas, esboços de grnades frescos irónicos, águas fortes apenas apontadas na pressa do esquisso, formam o sólido arcaboço do livro, como embrechado pitoresco que mais própria-mente devia chamar-se «Bouquiniste» porque lembra, com mais propriedade, a policroma variedade das caixas de livreiros e vendedores de estampas curiosas espalhadas pelos cais de Paris do que a unidade tranqüila, quasi burguesa, da Praça da Concórdia, miragem parisiense... «para inglês ver»...

HECTOR LICUDI — **BARBARITA** (novela). — Mundo Latino — Madrid — 5 pesetas.

Um autor que teria inegáveis qualidades mas que a deixa perder totalmente, quasi, num mortal volume de muitos centos de páginas, através uma tortuosa e fabulosa inconscientemente retalhada, de quando em vez, para introduzir pedaços de crítica local, de sátira, a

peçoas de certo da intimidade do autor que, assim, nos oferece o desagradável espectáculo de vir lavar a roupa suja para a porta de casa ou de vir, em letra de fôrma, insultar os seus. Fraca tarefa e ingloria. O autor, se não tem pouca idade tem má cabeça para se guiar no campo das letras, e pena é, porque, aqui e além, despontam fortes e inofismáveis qualidades de prosador moderno.

A BRINCAR — pela menina **MARIA BEATRIZ** **RAIO DE CARVALHO** (contos infantis). — Livrarias Aillaud & Bertrand — Lisboa.

A precocidade é bretoeia quasi sempre anti-pática, atacando de preferência as meninas acaudaladas e espremendo-lhes do cérebro vasta soma de sonetaria amorosa, com frenesim sensuais, mordidelas da polpa dos lábios e interjeições que aprenderam nas «soirées» cinematográficas acompanhadas a Greta Garbo. Tudo muito desgraçadamente abominável e indicador de que a grande e forte instituição da familia, uma das mais belas da organização social, se vai desagregando por falta de figados nos pro-



Maria Beatriz Raio de Carvalho

genitores para puchar as orelhas mimosas aos rebentos que versejam sobre aquilo que seria decente ainda ignorarem. Afortunadamente que a paisagem nem toda é desta ordem. Há remansos purrissimos, deliciosos, onde apeete parar e sorrir um pouco, encantado do que vai em torno.

É o caso do livrinho «A brincar».

A sua autora é uma criança com tódas as deliciosas qualidades e os não menos deliciosos defeitos de tódas as crianças. Tem veia para as letras, e isso é de estimar, tanto mais que não se evadindo da sua encantadora idade e seus ditames, compôs, não versalhada caprichosa, mas um delicado e sensível livro de contos para crianças, duma singela emoção e duma ingenuidade que é a sua melhor valia. Uma encantadora petiza a contar a outros petizes, aos nossos todos, que todos hão-de lêr «A brincar», histórias fabulosas e magníficas que a sua imaginaçãozinha fresca e pura mais maravilhosas torna, é, na verdade, um espectáculo encantador. Felizes os pais que podem beijar as mãos-itas rechonchudas desta pequenina que ama os outros pequininos e lhes conta histórias de tanto encantamento.

O PRETO DO CHARLESTON — (romance moderno) por **MÁRIO DOMINGUES** — Livraria Guimarães, Editora. — Lisboa.

Cada obra de Mário Domingues que vê a luz da publicidade levanta um verdadeiro redemoinho de opiniões apaixonadas. Ainda recente o successo de «Anastácio José», precedido éle de algumas apreensões de outras novelas, vem a lume o seu livro que mais ansiosamente se esperava «O preto do Charleston», crónica cruel da vida lisboeta de hoje. Mário Domingues conhece, como poucos, os *bas-fonds* crapulosos desta grande cidade, viciosa e degradada como tódas as grandes cidades marfimas, e, cronista das ruas, *repórter* de fina sensibilidade, parece

fadado para ser o romancista dilecto destes motivos violentos e sombrios gerados pela hora louca e incerta que passa.

Quando trata os seus assuntos, os nossos leitores o sabem pelas suas *charges* flagrantíssimas aqui publicadas, o nosso Mário Domingues salga-os com uma dóse de ironia violenta, acerba, demolidora, de alta intenção social e moral. Em «O preto do Charleston» estão tódas as qualidades, e são muitas, de Mário Domingues, mas, diremos francamente, não nos causou este livro uma emoção tão franca e forte como «Delicioso pecado», por exemplo, ou «Anastácio José». O novelista quis, decerto, afirmar o seu equilíbrio de prosador e de artista quando o assunto, a atmosfera alucinante do *dancing*, as almas vacilantes, trémulas, que atravessam a obra, quiçá requeressem um desarticalamento do estilo, como que um sin-copar análogo aos ritmos negros do *jazz*. Assim, afigurou-se-me que alguns quadros, ainda assim soberbos, poderiam alcançar a perfeição e ficaram áquem. E não se pode perdoar ao talento de Mário Domingues que tenha condescendido a tornar em aborrecido filósofo o pretalhão do *jazz*, que reeditasse, desta vez ainda com mais lamechice, um Armando Duval, engenheiro e filho de familia, e pusesse a sua «cocotte» a espectorar frases literárias que se não aprendem na baixa trivialidade daquelas vidas e se esquecem quando de outras vidas se vem para aquele inferno. Mas a-pesar destes reparos, foi com alegria que saúdei a aparição deste belo romance no marasma reles que a nossa produção literária apresenta.

A NOVA ALEMANHA — (Crónicas de viagem) por **J. MORAIS PALMEIRO**. — Edição de «O Comércio do Pôrto». — Pôrto.

A recente excursão dos jornalistas portugueses a Hamburgo e Berlim, teve justa e lata repercussão na imprensa de Lisboa e do Pôrto. Todos os excursionistas, profissionais distintos, relataram com sinceridade e verdadeiras qualidades periodísticas o que viram na Alemanha, renovada após a guerra. Os leitores de «Ilustração» tiveram mesmo o prazer de tomar conhecimento com as crónicas interessantes de Mário de Figueiredo. Outro jornalista português, Moraes Palmeiro, um dos temperamentos mais cheios de verdadeira mocidade do profissionalismo da imprensa de Portugal, conhecedor do idioma alemão e da sua literatura, dotado de facultades raras de escritor, reuniu



Moraes Palmeiro



Joaquin Arderius

as suas crônicas num belo volume e sob o título de «A nova Alemanha».

Com profunda mas serena admiração, perpassa nas crônicas de Morais Palmeiro toda a grandeza da ressurreição do antigo Império dos Hohenzollern, animado dum novo sópro de vida, varridas as cegueiras de conquista e animado pelo desejo de alcançar a hegemonia do progresso e da civilização no velho mundo pelo esforço do trabalho dos seus artistas, dos seus sábios e dos seus artífices. Em prosa palpitante, nervosa, mas dum equilíbrio magnífico, Morais Palmeiro faz perpassar aos nossos olhos, de novo, um grande filme «A sinfonia duma capital», de Walt Ruthmann, que ele sincronizou, talentosamente, com a sua prosa excelente.

JUSTO EL EVANGÉLICO (novela) — por JOAQUIN ARDERIUS. — Madrid.

Cada volume de Joaquin Arderius é um novo triunfo do escritor e do intencionado propagandista de novos e belos ideais. Arderius, o novelista rude e estranho de «La espuela», parece sentir mais profundamente os homens da selva ou do mar, do que os temperamentos citadinos, mais subtis e desengonçados. O autor de «Los píncipes iguales», escritor basto, forte, de grandes planos rudes, interpreta à maravilha os temperamentos sem desbaste, com algo de primitivismo, dos camponos ou dos ribeirinhos. A campina de Barnegre, a praia, os ritos primievos da populaça, as suas paixões e as suas medonhas credences, perpassam em «Justo el Evangélico» com singela grandeza, com bárbara maravilha. E por isso talvez que este novo livro de Arderius seja aquele que mais profunda impressão me tem causado, deixando na minha retentiva mental sensações magníficas e perduráveis, corespondendo fotograficamente a grandes páginas, largas, violentas, num claro-escuro miguelangelesco, forte, violento, gritante de humanidade e de vida viva. Formosa obra de arte, sem claudicações nem condescendências com o bonito que agrada ao público, «Justo el Evangélico» marca um lugar de destaque na produção livreira da Espanha nestes últimos meses, primeiros do ano novo.

O DIABO, MESTRE DE DANÇA (Crônicas fúteis) — por LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES. — Edições Ressurgimento. — Lisboa (2.º milhar).

Salta triunfante à segunda edição este curioso e agradável livro de crônicas fúteis, frívolas, maliciosas. Justo triunfo que confirma o agrado

em que o público leitor tem as qualidades brilhantíssimas de escritor de Luís de Oliveira Guimarães, um dos espíritos mais verdadeiramente esfusantes da sua geração. Poder-se-hia, em rigor, lamentar que este interessante poeta e cronista impar do seu tempo, desperdice o seu talento verdadeiro em obras de retalho, sem outra finalidade que não seja a de nos entreter, magnificamente, os poucos ocios desta vida tristonha e monotona. Mas não serei eu quem o faça, contribuindo assim, quiçá, para que desapareçam da minha estante os volumes amigos de Luís de Oliveira Guimarães que, mais do que qualquer outro cronista de futilidades, me alegra tanta hora bisonha em que o cérebro matraqueia, sem descanço, sobre o estafado e eterno motivo da seriedade, inimiga da vida...

LA VÉNUS MECÁNICA (novela) — por JOSÉ DIAZ FERNÁNDEZ. — Renacimiento. — 5 pesetas. — Madrid.

José Diaz Fernandez é uma das grandes realidades do jornalismo espanhol dos nossos dias e o novelista triunfador de «El Blocao», de que a «Ilustração» publicou um formoso fragmento. Por outra parte «La Vénus Mecánica» é uma novela nitidamente superior a «El Blocao» que, já por si, constituiu um dos maiores triunfos de venda e estima dos últimos tempos, na edição espanhola. Não admira, portanto, que seja considerada por muitos esta «La Vénus Mecá-



José Diaz Fernandez

nica» como a mais bela das novelas publicadas em língua espanhola neste ano que vai correndo, opinião em que abundamos em referência à parte da produção literária do visinho reino (?) que nos chegou às mãos. A par do seu efabulado que, se não constitui caso de excepção contém verdadeiros achados novelísticos, este pequeno e vibrante romance tem um condão de encanto e de sedução que leva o leitor, da primeira à última página num crescendo de entusiasmo. As figuras animam-se, porque são vivas, palpitantes, em todos os seus vícios ou defeitos, paixões ou indiferenças, começam por nos rodear, dialogam connosco, vivemos onde elas vivem, sentimo-las em tudo, nas suas palavras e nos seus gestos, nos seus pensamentos e nas suas intenções. Aqui e ali uma pincelada mais larga, um ente que se extrahumanizou, que se tornou um símbolo magnífico; reapareceu, no autor, através o novelista dissecador e analista da vida, o homem de elevados ideais, o batalhador, o caudillo das ideias novas que conhecemos em Lisboa, no exílio, focando a nossa vida pública para as colunas de «El Sol», com uma clarividência, uma probidade, um estilo jornalístico e uma valentia luminosa, que encandeavam até os catadores de delitos da letra de fôrma. Mas, logo a seguir, lançado o grito irreprimível, reaparece, na sobriedade, a ponderação e a justeza crítica d'este rapaz de uma trintena de anos que conquista sólidamente, sem cabriolas, um lugar

em plena luz, sob a asa da consagração. E defilam mais páginas magníficas, num crescendo que culmina na nervosa e magnífica descrição dos tumultos nas ruas em que da máxima singularidade descritiva se consegue o maior partido emotivo, páginas que não esquecem facilmente. Sim, «La Vénus Mecánica» é das melhores novelas espanholas da actualidade.

LOURDES Y EL ADUANERO (gregueria novelada) — por ANTÓNIO PORRÁS. — Renacimiento. — 5 pesetas. — Madrid.

Um livro divertidíssimo. A amenidade é a sua qualidade primordial. O autor escreve com uma fluência, uma graciosidade natural que surpreende, nos envolve no ambiente abstruso que criou, nos leva de galhofa, de braço dado, nem sabemos para onde. Na efabulação, meia dúzia de achados à Dekobra, na prosa vibrante, desarticulada, sincopada como uma música americana, uma originalidade marcante a fazer lembrar Paul Morand nas suas melhores páginas exóticas. Depois páginas de sarcasmo violento, anatoliano, outras de emoção rara, como a da procissão de Lourdes, uma emoção paradoxalmente scéptica, e sempre, da primeira à última linha, uma pirotécnia de efeitos, semelhante, senão superior, à que fez a fama de Francis de Miomandre, quando da publicação d'esse formoso «Écrit sur de l'eau». De quando em vez a incongruência propositada, o cultivo requintado do absurdo e saindo desta sinfonia abstrusa, um belo livro, curioso, pitoresco no mais alto grau, e que, a meu ver, só tem o defeito de não parecer escrito por um espanhol mas sim por um gaulês requintado.

GUIA PRÁTICO DO AUTOMOBILISTA — Organizado pela revista «O Volante».

Um breviário do condutor de automóveis, um guia pequeno, prático, seguro, que compreenda, em inteligente síntese, quantos conhecimentos elementares são necessários aos que conduzem automóveis por prazer ou ofício, impunha-se como uma absoluta necessidade. A autoridade técnica do director de «O Volante», o nosso querido camarada Campos Júnior, que tem como obra realizada aquela excelente revista especialista, dá ao volume agora publicado garantias de eficiência. E na verdade, folheando a bela publicação, topa-se com tudo quanto se pretenda na matéria. Além dum pequeno guia prático permitindo identificar rapidamente as avarias e paragens em estrada e seguramente tentar a sua reparação, insere o «Guia Prático do Automobilista» valiosos esclarecimentos ilustrados do Código de Estrada, todas as indicações tendentes à habilitação para exame de condutor, muitas tabelas técnicas, um roteiro turístico excelente de Portugal, etc.



António Porrás

A VISITA DOS JORNALISTAS BELGAS A LISBOA



EM CIMA: — Visita dos srs. ministros da Marinha e dos Estrangeiros e ministro plenipotenciário da Bélgica ao esplêndido paquete «Albertville» que trouxe ao pôrto de Lisboa os jornalistas belgas que recentemente nos visitaram



EM CIMA: — A chegada dos jornalistas belgas que, por intervenção do nosso ilustre ministro plenipotenciário da Bélgica e insigne jornalista e escritor dr. Augusto de Castro, visitaram o nosso país. Jornalistas belgas e portugueses confraternizando a bordo antes do desembarque



NO OVAL: — O sr. general Vicente de Freitas, presidente da Câmara Municipal, com os vereadores de vários pelouros, recebendo na Casa do Município os jornalistas belgas acompanhados pelo presidente do Sindicato dos Profissionais da Imprensa e outros camaradas portugueses



EM CIMA: — No Ministério dos Negócios Estrangeiros. O sr. Comandante Fernando Branco, ilustre titular daquela pasta, com os jornalistas belgas que o foram, oficialmente, cumprimentar

À DIREITA: — O banquete de gala oferecido pelos jornalistas portugueses aos seus camaradas belgas que visitaram o nosso país constituindo, assim, um grupo de admiradores do nosso património artístico, monumental e turístico



Uma carta

POR IGNEZ

Meu amigo:

Foi uma confissão sincera, sem mentiras, sem embustes.

O amor passa, morre tão depressa! Só a amizade é forte e invulnerável!

Dê-me as suas mãos e olhe-me bem nos meus olhos.

Estava triste, sofria, tinha a cabeça perdida e... tive a fraqueza imperdoável de a escrever.

Se você não fôsse tão inteligente, não seria capaz de lhe dizer estas coisas nem a minha carta teria ido parar às suas mãos.

Agora oiça: Não fuja e não me queira mal.

Vou fazer-lhe um pedido, seja bom, não me diga que não, não me faça deplorar a confiança que tive em si.

Foi ela que o fez, talvez, pensar de mais em mim. Deus me perdôe!

Adeus, meu bom e querido amigo. Faça-me o que lhe peço se não quiere perder me para sempre.

Não olhe para mim dessa maneira; não há nada de extraordinário no meu pedido.

Lembre-se, contudo, duma passagem dessa carta: «a pesar de rir sempre, tenho cá dentro uma ferida horrenda que sangra dolorosamente!»

Que as bênçãos do Senhor caiam sobre si e que nunca sofra do mal de amor, é o maior desejo da

Quero ser sua amiga, quero conservar a sua amizade e, para isso, é indispensável que nunca me fale de amor. Mesmo o que você pode sentir por mim, é uma curiosidade física, um desejo, nada mais.

Não tente curar-ma. Para quê, para mais tarde abrir de novo?

MARIA DO CÉU.

O amor dos homens é sempre e só um desejo que se quebra em mil pedaços mal desponta a saciedade.

Parece-lhe difícil ser simplesmente um bom amigo?

Há tanta belesa na renúncia!

O seu orgulho, o seu amor próprio, ressentem-se, sentem-se feridos? Vaidoso! Quere que lhe diga que o admiro, que o considero um homem superior, que sinto por si uma estima sincera, que adoro os seus versos?!

Que mais quere? Mulheres há tantas!

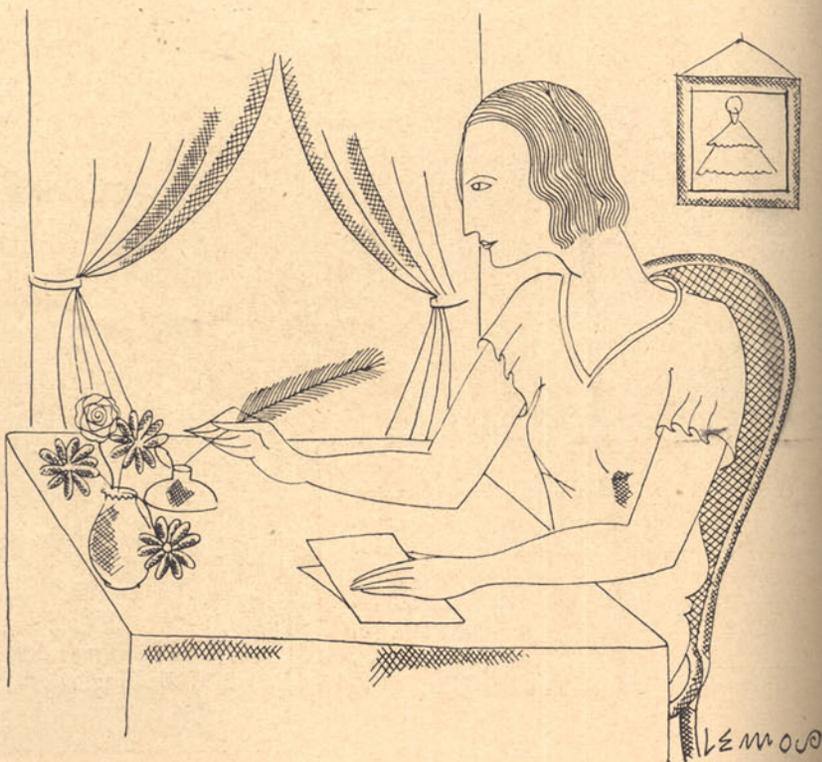
E... não se esqueça dum grande amor, que dorme lá dentro num berço de ouro, embalado pelo ritmo do seu coração.

Não seja infiel, você também, você que eu escolhi para amigo.

Sabe? Tenho remorsos duma carta que há tempo lhe escrevi.

Mal o conhecia e, vêja lá, nesse pedaço de papel puz a minha alma.

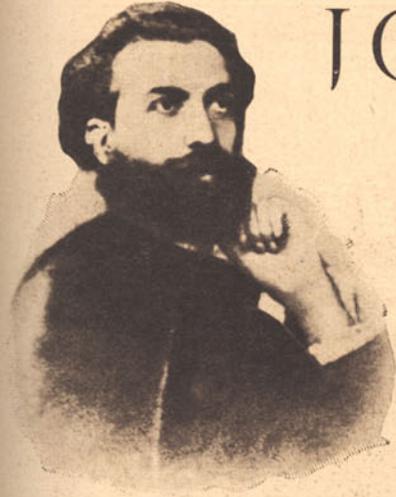
Pela cópia, INÊS.



JOÃO DE DEUS

O POETA GENIAL DAS CRIANÇAS,
DAS FLORES E DO DOCE LIRISMO
DO AMOR...

(A PROPÓSITO DO 1.º CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO)



O poeta aos 25 anos de idade

8 de Março de 1895!-8 de Março de 1930!... Faz trinta e cinco anos que o povo, a nação portuguesa, em pêso, num clamor de apoteose consagrou o génio poético de João de Deus, o poeta das flores e das crianças, o autor da *Cartilha Maternal*, a mais prodigiosa obra educadora de que há memória nas culturas latinas. 35 anos!... E quem sabe?... Talvez que, se não fôssem as vontades fortes dos Amigos do Museu João de Deus, o seu culto fervoroso pelo grande artista e grande homem, grande alma e bondoso coração que foi o poeta do *Campo de Flores*, o grande espírito que educou as gerações novas de Portugal fôsse agora esquecido. O tempo intenta sempre cumprir a sua missão ingrata. Só agora se pensa no monumento a erigir ao genial artista, modesta homenagem, de-certo menos grata à memória de João de Deus e menos representativa do que os Jardins-Escola que a academia de Coimbra e os seus amigos de Lisboa fundaram num rasgo de admiração e saudade. Mas, felizmente, para honra de todos, não se esquecerá esta data: 8 de Março... porque ela representa, ainda mais a data do primeiro centenário do nascimento do poeta (8 de Março de 1830) na modesta casinha de S. Bartolomeu de Messines.

Entoar agora, de novo, páldios ditirambes ao altíssimo artista parece-nos coisa indigna, pela pobreza da voz que se ergueria a custo ao céu de glória de onde João de Deus domina, na sua eterna e genial bondade, as misérias de todos os dias, dia a dia mais miseráveis e terrenas. Alguns grandes nomes, a seu tempo, saudaram o poeta egrégio de *A vida*. Um belo volume, hoje raro, editado na data gloriosa de 8 de Março de 1895, dia em que se organizou a apoteose nacional ao poeta, perpetua a contribuição que os grandes espíritos da nossa terra deram, entusiasmados, para a glorificante homenagem. Chama-se o volume *O festival de João de Deus* e encerra valiosos inéditos, alguns de subido brilhantismo. Não resistimos à tentação de transcrever alguns trechos escolhidos.

Eça de Queirós escreveu, com a argúcia de sempre:

A alma poetica do Povo portuguez encarnou em João de Deus. E por esta encarnação, que o tornou um poeta ingenuo e profundo, infantil e

sublime, se explica a sua vida e a sua lenda; a sua fluida e singela maneira de improvisador e rapsodo errante; os temas eternos e simples sobre que incessantemente se exerce o seu poder de idealização; a graça da sua melancolia e a suavidade da sua ironia; a viçosa duração dos seus versos sobrevivendo a tôdas as evoluções da arte e do gôsto que tanto verso atiram cada ano para o lixo das Literaturas; a luminosa facilidade com que cativa os espíritos mais primitivos, e ainda os mais saturados de cultura crítica; e enfim esta simpatia que irradia, por todos sentirmos nele como a expressão genuína dos nossos ideais nativos, e que hoje nos trás

aqui, com ramos verdes, a cantar os seus louvores, em romaria amável.

João de Deus, o João (porque a popularidade eliminou os apelidos que o prendiam a uma família, e apenas lhe deixou um nome, como aos santos, que são de todos) não se sentiu poeta lendo os poetas. Exactamente como o povo, foi pela música, cantando a vida dos campos que êle penetrou na poesia. As suas primeiras estrofes foram arrancadas, como soluços naturais, pela morte, pela injusta morte, a daquele «lírio delicado e frágil» que tão docemente se debruçava de uma janela da velha Coimbra romântica, e que murchou antes de abrir. Depois,



Casa onde faleceu em Lisboa, em 11 de Janeiro de 1896, o maravilhoso poeta do *Campo de Flores*

muito naturalmente também, — por que se uma flôr seca outras desabrocham e dão o seu pleno aroma — cantou a belêsa forte e o Amor. Mas pelo Amor facilmente se vai a Deus; e o seu génio poético tomou o hábito dêsse caminho transcendente, e por êle se passou a sua existência lírica, peregrinando da Terra ao Céu, recolhendo do Divino ao Feminino, ora arroubado ante o poder do Senhor, ora ante a graça de dous olhos finos, de tal sorte que na adoração continua do seu verso se confunde porfim *Maria* que estás nos Céus, e aquela que fazia meia, sentada á porta do seu casal, com o peito redondo e arqueado:

Como de pomba farta e satisfeita...

È para êle, como poeta, não existiram mais senão êstes dois interesses, a Mulher e a Divindade. A todo o seu século, a este fecundo e revoltado século permaneceu sempre alheio, senão pela inteligência, ao menos pelo sentimento. Nem a ruidosa deslocação de classes; nem as ilusões humanitárias da Democracia; nem a conquista violenta dos Direitos políticos; nem a obra grandiosa da Ciência experimental; nem as audácias da Mecânica; nem revoluções sociais, nem tranformações espirituais — o comoveram ou tiraram um som á sua Lira amorosa e sacra.

Menos ainda influíram na sua pura arte de cantar, essa passagem de formas novas que vão surpreendendo e mudando o gôsto desde Lamartine até Verlaine. Como se fôsse o primeiro Homem, antes de nascerem outros homens, e começarem os livros, João de Deus ficou sempre fechado no seu Paraíso poético — com Eva e com Jehovah.



Um retrato já clássico do eminente educador no seu pobre gabinete de trabalho

Mas pela nobreza dos seus instintos religiosos, pela força da sua rectidão intelectual, pelo sentir intenso da belêsa — êle, sem passar pelos dogmas, procurou e por vezes encontrou a Divindade; ignorando as Poéticas, realizou supremamente a Poesia; e sem atender ás Me-

tafísicas, chegou, na sua vida, à pura verdade moral.

È pois bem justo, e util para a dignidade pensante da nossa terra, que entre todos apontemos para êste homem, tão poético como os poemas, murmurando, com a reverência e o Amor do velho florentino: — *Onorate l'altissimo poeta!*

Paris, 22 de fevereiro de 1895.

Notável também a carta de Junqueiro:

Meu caro amigo Alves Corrêa:

O dito por não dito. Não conte com o meu estudo sobre o João de Deus. Já está feito pelo Eça de Queirós. Acabo agora mesmo de o lêr. O essencial do meu artigo vem naquelas duas páginas. O essencial: que o resto seriam explicações e comentários.

«È para êle, como poeta, não existiram senão dois interesses, a mulher e a divindade» — diz o Queirós.

Perfeito. O João de Deus af está. Alma religiosa e amorosa chega pelo finito do Belo ao infinito do Bem; ascende da mulher, que o encanta, ao Deus que o deslumbra; ergue-se, língua de fogo, dos olhos de *Maria* aos olhos de Jesus; eleva-se num suspiro da terra ao céu, e voltando em extase idealiza a natureza e diviniza a mulher, a flôr que a perfuma, a nuvem que ela vê, o chão que ela pisa.

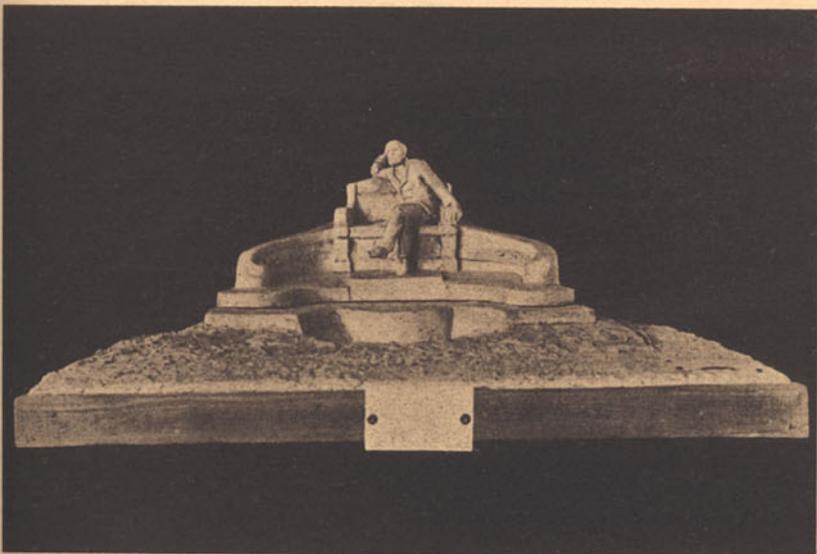
João de Deus, amando, primeiro apetece, depois adora, por último reza. O desejo dilue-se na beatitude, o beijo evolva-se na oração. Poesias há no *Campo das Flores* que só harpas de ouro e vozes de anjos deveriam cantar, ou na ingenuidade da manhã, ou na saúde infinita do crepúsculo. Às vezes, lendo-as, ajoelho em espírito. Assim a *Heresta*, *Marina*, *Raquel*, *Noite de amores*, *Enlêvo*, *Turbulo*, *Adeus*, *Amor místico*, *Adoração*, *Encanto*, *A Vida*, *No leito nupcial*, *Amo-te*, *Último adeus*, incomparáveis hinos religiosos, dos mais puros que através dos séculos, na miséria da vida, tem balbuciado a língua humana.

O límpido gorgiejo da cotovia na luz alvorecente é como que a expressão sublime da alma da terra, da idealidade das coisas. Mas a cotovia só gorgieja quando a alva desponta. Assim João de Deus. Só ao raiar de uns olhos amorosos modula o cântico divino.

Não há em toda a sua obra uma única paisagem, onde não destaque, sidereamente, um vulto alado de mulher. A mulher ideal: a que pisa o globo, diademada de estrêlas. Olhando o paraíso, absorve-o, — calcando o mundo, santifica-o. As poesias católicas de João de Deus não valem, como religião ou inspiração, os versos amorosos. A fé não basta para atingir o sublime. È necessário que a alma se desencarne,



João de Deus aos 45 anos de idade, o olhar fulgurante do génio...



Monumento a João de Deus. — O 1.º prémio de «maquettes»

que momentaneamente se liberta das almas inferiores a que chamamos corpo, unindo-se em estado de graça á alma absoluta. — Espírito de Deus.

E então a obra de arte é já revelação, — e o poeta, — profeta, vidente, iluminado.

Esse delírio divino em João de Deus, provém da mulher. Numa carta lírica do poeta há esta frase, terminando: «Amo-te, e é quanto possuo e quanto sou!»

Frase prodigiosa de veemência ígnea! O amante, á fôrça de amar, transubstanciado em amor! Tudo o João de Deus.

Eu quisera reunir em volume, para meu uso, os mais belos cânticos do poeta. Eliminar as traduções, obra de sua natureza secundária; eliminar as sátiras, breves anedotas sem alcance; e eliminar de entre os versos de paixão as sensualidades comuns, os galanteios fúteis de namorisco. O resto, um livro único. *Campo de Flores?* Já não. *Campo de estrelas. Jardim sideral. Lírios de luz inocente*, a que mil milhões de anos não roubarão uma pétala.

Bíblia de amor. Amor divino, como na terra triste os celeitos o sonham e em orbes espiritualizados humanidades angélicas o realizam.

Pôrto — 9-3-95.

Seu amigo, etc.

GUERRA JUNQUEIRO.

que diz tudo na sua espantosa singeleza, á semelhança das linhas que traçou o grande prosador Ramalho Ortigão:

Meu querido amigo:

Interrompo um artigo que estou escrevendo para a *Gazeta de Notícias* com o título *João de Deus* para assinar, em nome do Chagas doente, o officio da Academia que V. encontrará junto a este bilhete. O dia de hoje pertence a uma risonha homenagem da mocidade, na qual o meu bigode russo pareceria uma mancha de bolor.

Por isso é às escondidas, furtivamente, rapidamente, atrás da porta, que eu o aperto ao meu coração, num estreito abraço, cheio de alegria, de ternura e de saúde.

Velho dedicado, admirador e amigo

RAMALHO ORTIGÃO

Os poetas, naturalmente, deram a nota enternecedora da própria poesia saudando, comovida, o mestre. Eugénio de Castro,

numa formosa poesia cuja extensão impede seja aqui reproduzida, toca a perfeição de suas rimas elegantíssimas. António Nobre dedica a João de Deus uma das suas mais sextidas elegias *Saúde*, que diz assim:

A João de Deus

*Saúde, saúde! palavra tão triste,
E ouvi-la faz bem:
Meu caro Garrett, tu bem a sentiste,
Melhor que ninguém!*

*Saúdades da virgem de ao pé do Mondego,
Saúdades de tudo:
Ouvi-las caíndo da boca dum Cego,
Dos olhos dum Mudo!*

*Saúdades d'Aquela que cheia de linhas,
De agulha e dedal,
Eu vejo bordando tão lindas coisinhas
P'ra o seu enxoval.*

*Saúdades! e canta que deu a hora, é a hora
Da sua novena:
Olhai-a! dá ares de Nossa Senhora,
Quando era pequena.*

*Saúdades, saúdades! E ouvide-a que canta
(E sempre a bordar),
Que linda! «Quem canta seus males espanta»
E eu vou-me a cantar...*

*«Virgílio é estudante, lá anda, coitado,
Por terras de França;
Purinha me chama, não tenho pecado,
Que o diga a balança...*

*«Separam-me dêle cem rios, cem pontes,
Mas isso que faz?
Atrás d'esses montes, ainda há outros montes,
E ainda outros, atrás!*

*«Não tarda que volte por montes e praias,
Formado que esteja;
E iremos juntinhos, ah tem-te não caias!
Casar-nos à Igreja.*

*«Virgílio é um anjo, não tem um defeito,
É allinho como eu;
Os lábios com lábios, o peito com peito...
Ai, Virgem do Céu!*

*«Meu bem adorado, que tanto me queres,
Meu sonho querido!
Chamar-lhe diante das outras Mulheres:
Senhor meu Marido!*



João de Deus aos 65 anos, a bondade suprema a nimbar-lhe a fronte...

«As vezes, eu quero dizer-lhe que o amô,
Mas vou-lho a dizer,
Purinha não fala (Purinha me chamo)
E fica a tremer...

«Quando ia ao postigo falar-lhe, tão cedo,
(Tu, Lua, bem viste),
Ai, que olhos aqueles! metiam-me medo...
E sempre tão triste!

«Perfil de Teresa, velado na capa,
Lá passa por mim:
Oh noites da Estrada, lardinhas da Lapa,
Choupal e Jardim!



A «maquette» premiada em 2.º lugar no Concurso para o Monumento a João de Deus

«Cabelos caídos, a cara de cera,
Os olhos ao fundo!
E a voz de Virgílio, docinha que ela era,
Não é deste mundo!

«Saúdades, saúdades! Que valem as rezas,
Que serve pedir!
No altar continuam as velas acesas,
Mas êle sem vir!

«Já choupos nasceram, já choupos cresceram,
Estou tão crescida!
Já choupos morreram, já outros nasceram...
Como é curta a vida!

«Oh rio de amores, que vens da Portela
P'ro mar de Senhor,
Ah, vê se na costa se avista uma vela,
Se vem o Vapor...

«Meu Santo Mondego, que vãos e corres,
Não tenhas vagares!
Mondego dos Choupos, Mondego das Tôrres,
Mondego dos Mares!

«Mas ai! o Mondego (Senhora da Graça,
Sou tão infeliz!)
Já foi e já volta, lá passa que passa,
E nada me diz...»

ANTÓNIO NOBRE.

Gonçalves Crespo, um dos grandes poetas do seu tempo e já um pouco esquecido também, contribuiu com um soneto lapidar, magnífico, dentro da escola em que brilhou e que marcava na época:

Sempre que o leio, sinto-me calivo
De um não sei quê, de infinda suavidade,
E entram comigo uns longes de saúde,
Que me deixam sítudo e pensativo.

Sonho: quisera em triste soledade
Viver das gentes apartado e esquivo,
E erguer-me a êsse planeta primitivo
Onde respicnde a eterna mocidade.

Já o seu nome é tão suave e brando,
Tão eufónico, meigo e delicado,
Que fica nos ouvidos suspirando...

Diz a lenda que vive descuidado,
Ramos tecendo, e flores emoitando,
Da Quimera nos seios reclinado.

GOÑÇALVES CRESPO.

Júlio Dantas foi de espantosa felicidade es-crevendo, com aquele donaire e frescura que caracterizam a sua obra poética:

«Todos roxos, os melros, ao luar,
No froixel de oiro dos pequenos berços,
Dão aos filhos lição. É singular!
Antes de os ensinarem a voar,
Ensinam-lhe os teus versos...»

JÚLIO DANTAS.

Assim como Afonso Lopes Vieira, o altís-simo artista, enviou de Coimbra a seguinte quadra, verdadeiramente notável pela elegância do conceito e pela forma:

Pediu ao Céu o Verso diamantino
E fêz um Campo de divinas Flores!
Cantou maviosamente os seus Amores,
E é de Deus porque Deus o fêz divino!

Coimbra — 94.

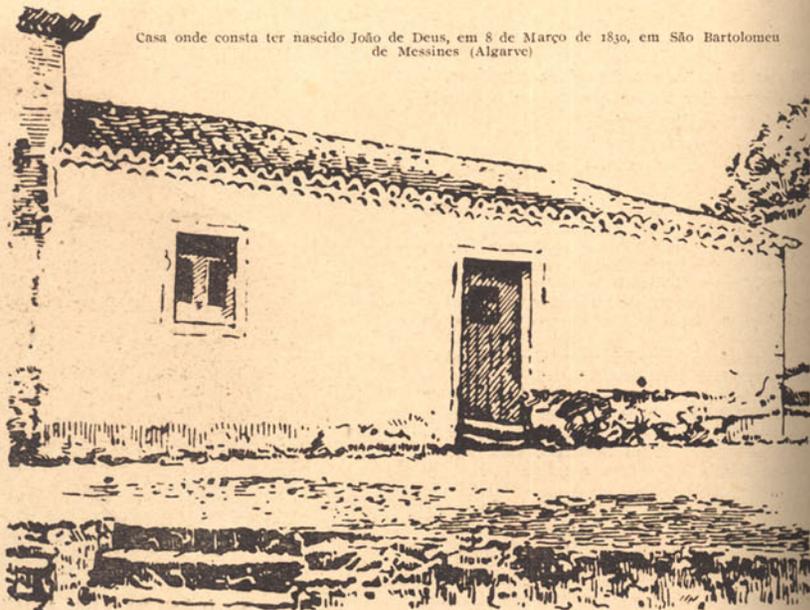
LOPES VIEIRA.

E de entre os rapazes novos, sangue na guelra, entusiasmo sincero, que vieram de Coimbra a Lisboa representar a Academia na apoteótica homenagem, surgiram os improvisos para a guitarra, duma emoção singela que comove. Duas quadras do Hilário:

Tudo acusa um Criador:
A terra, o mar e os céus:
E, p'ra coisa sem melhor,
Até o João é de Deus!

Tu já foste como eu sou,
E eu não sou como tu és:
O teu bandolim quebrou-se;
O meu vai beijar-te os pés...

HILÁRIO.



Casa onde consta ter nascido João de Deus, em 8 de Março de 1830, em São Bartolomeu de Messines (Algarve)



D. Guilhermina de Bataglia Ramos, illustre senhora, viúva de João de Deus

E uma do brilhante académico de então Gonçalves Cerejeira:

Que canções e amor reparte
A sua alma o João de Deus;
Por isso está em tôda a parte:
E da terra e é dos céus!

GOÑÇALVES CEREJEIRA.

E seria um nunca acabar de transcrições, tão curioso é o volume. Infelizmente não se poderia tentar, hoje, um *in memoriam* do poeta com igual esperança de êxito. Poucos sentem fundamente a saúde desse alto espírito, dessa grande alma e menos ainda, mais raros quiçá, seriam capazes de traduzir a sua saúde em versos de quilate tão puro, em prosa tão castigada e sã...

Para os amigos saudados do Poeta e para a família exemplar que vive da saúde e do exemplo do grande homem de coração e de talento que nasceu em S. Bartolomeu de Messines fêz agora um século, a oferta modesta desta modesta homenagem, ressurreição pálida duma apoteose imensa e merecida.

VISÕES DA SICILIA

PIANA DEI GRECI

COMO SÃO CELEBRADOS OS CASAMENTOS
SEGUNDO O RITO GRÊGO NA PEQUENA CIDADE

Próximo de Palermo há uma pequena cidade hospitaleira, de linda paisagem e costumes: Piana dei Greci, uma colônia albanesa fundada em 1488, por gregos perseguidos na Albânia, pelos maometanos.

Poucos são os habitantes que falam o italiano. O idioma que prevalece é o grêgo. A maioria das pessoas fala uma amálgama de italiano e grêgo difícil de compreender.

Os quasi cinco séculos decorridos não obrigaram a pôr de parte aos albaneses, nem o idioma nem os seus interessantíssimos trajes regionais.

... aos domingos ou nas festas de igreja podemos admirar formosas raparigas envergando as suas ricas e lindas *toilettes* azuis, vermelhas, verdes e de muitas outras variadas cores.

O traje compõe-se de: camisa bordada, em linho, com largas e compridas mangas: sáia, corpê e manta, em setim, preciosamente bordado a ouro fino e, finalmente, um artístico cinto que termina por uma fivela maravilhosamente cinzelada.

Para que se possa julgar do valor destes trajes, basta dizer que o seu custo é, muitas vezes, superior a quarenta mil liras. O da senhora que amiavelmente se prestou a ser fotografada, custou a bagatela de sessenta mil liras.

A cerimônia do casamento é, de todas, a mais interessante, desta pintoresca cidadezinha.

Aqueles que vão contrair matrimônio entram na igreja. O noivo vai à direita e a noiva à esquerda.

Sobre o lado direito do altar estão dois anéis, os anéis do noivado. Enquanto os nu-

bentes dizem o *sim*, o sacerdote faz-lhes, na testa, por três vezes o sinal da cruz. Em seguida entrega uma vela acêsa a cada um deles, símbolo do eterno amor conjugal; segundo outros, como testemunho da castidade dos esposos, visto que, o vício e o pecado fogem da luz, ela só reflecte a virtude e a castidade.

Depois, o padre pega nos dois anéis — um, em ouro, para o homem, o outro, em prata, para a mulher — diz, três vezes a cada, as palavras rituais, faz-lhes, sobre a cabeça e com eles o sinal da cruz e deixa-os ficar sobre as suas cabeças.

Então, os padrinhos, trocam, três vezes, os anéis. A mulher, dão o de ouro, e ao homem, o de prata, significando isto que o homem deve proteger a debilidade feminina e que a mulher participará dos seus bens e da sua autoridade.

Seguidamente, o padre coloca sobre a cabeça dos noivos uma corôa feita com ramos entrelaçados de loureiro e oliveira, ligados com fitas brancas. Demonstra assim a vitória alcançada pelo Amor e representa a pureza e a inocência da vida dos esposos cristãos.

No momento da imposição das corôas, o padre, dizendo as palavras rituais faz, três vezes, sobre a cabeça dos noivos, o sinal da cruz e, também, por outras tantas vezes, a troca das corôas, sendo nesta ocasião imitado pelos padrinhos, que vão dizendo: *Senhor Nosso Deus, coroai-os de glória e de honra.*

Canta-se a Epístola e o Evangelho. Ao rezar-se o *Padre Nosso*, o sacerdote pega num copo contendo vinho, abençoa-o e faz com que os noivos o bebam alternadamente durante três vezes. Esta cerimônia significa a indissolubilidade do casamento, a comunhão



Costume típico de Piana dei Greci (Sicília)

de bens e a cristã união até findar a vida. Depois, o copo é quebrado: prazeres mundanos fugidios, a vida corre célere e frágeis todas as coisas terrenas, despedaçam-se, quebram-se, eterizam-se... De todas as cerimônias esta é a mais comovente e visivelmente respeitada. O silêncio paira sob as abóbadas do Templo. Nalguns rostos iluminados por sorrisos deliciosos de mulheres bonitas, brilham duas lágrimas, duas gotas de orvalho sobre a corola de uma bonina.

Os homens levam furtivamente o lenço ao canto dos olhos no intuito de ocultar aquilo que a expressão do rosto não desmente.

E durante uns minutos a multidão bulhosa de momentos antes, está silenciosa, petrificada como se, milagrosamente, tivesse sido transformada em estátuas.

Depois voltam a animar-se. Os noivos vão dar o passeio em torno da igreja. A multidão segue-os. Símbolo das dansas sagradas, de que era hábito fazer acompanhar as cerimônias religiosas. Terminado o passeio, o padre tira-lhes as corôas da cabeça e inicia as orações finais, implorando a felicidade e a prosperidade divina para os recém-casados.

E, ali, diante do altar, o sacerdote convida os esposos a trocarem um beijo. Um beijo de amor, puro, casto e abençoado pelo Senhor, dado diante Dêle.

E... são assim os casamentos na Piana dei Greci, um cantinho delicioso e inesquecível da linda ilha da Sicília.



Um trecho de Piana dei Greci (Itália)

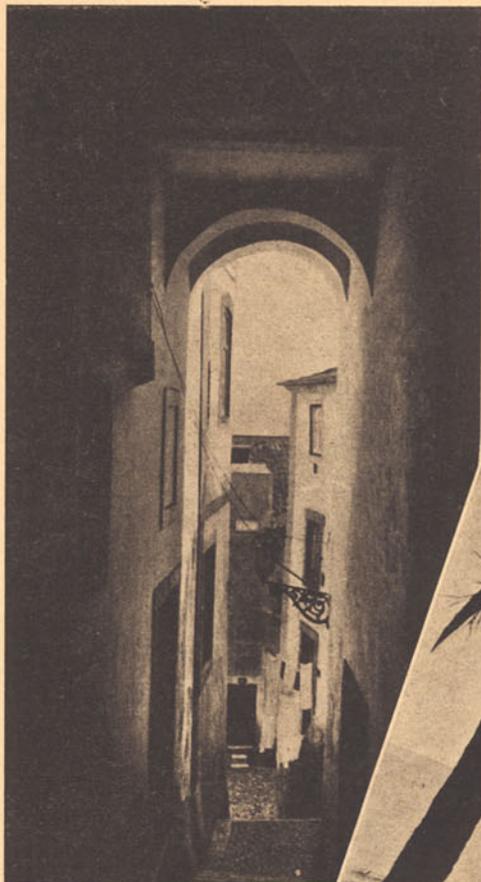
J. TÔRRES DE CARVALHO.

A FOTOGRAFIA É OU NÃO UMA ARTE?...

UMA RESPOSTA CONCLUDENTE;
"O I SALÃO KODAK DA FOTOGRAFIA,"

através uma lente, um mero fenómeno foto-químico e outros que, pelo contrário, querem atribuir às imagens saídas da câmara escura fotográfica um mérito artístico que só, em vulgar, soe atribuir-se à obra dum pintor ou dum plasmador de génio. Se uns e outros estão em erro pelo seu exagêro, justo é dizer-se que, na função tempo, estes e aqueloutros teem tido certas razões para sustentar os seus antagonónicos pontos de vista. Houve, na verdade, tempo em que a fotografia era quasi limitada ao «retrato» e «tirar o retrato», uma das mais ridículas coisas que um mortal podia fazer. E justo é que enfileiremos, reportando-nos à época, com os que ardentemente estigmatizavam os rectângulos

A ESQUERDA, em cima:—
«Velha rua», por Abel Leite Pinto



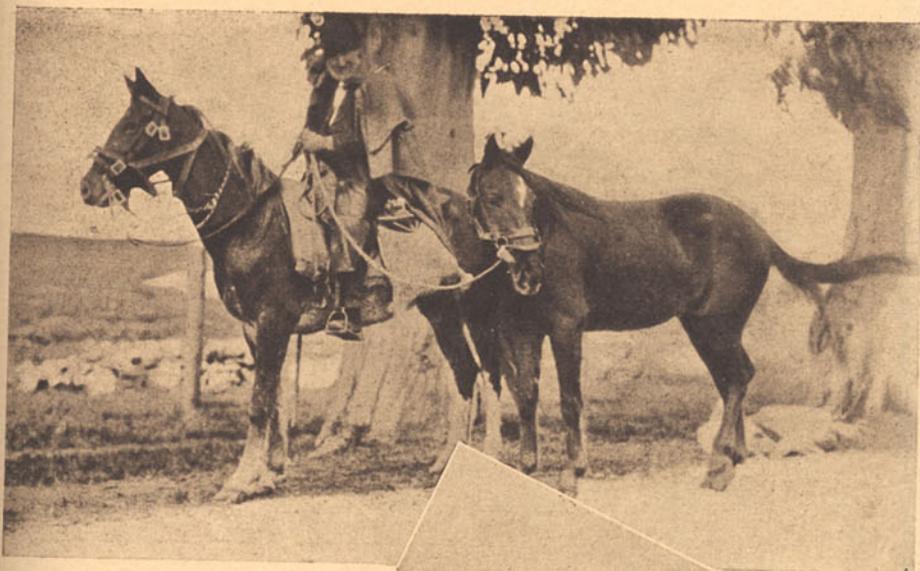
De há muito que se ergue, em circunspectos artigos ou succulentos estudos, o conflito irreductível entre aqueles que querem ver no enegrecimento dos sais de prata pela luz coada

EM BAIXO: — «A beira-mar», por Armando Meneres Sampaio



«Entardecer»
(São Tomé), por Claudino N. de Sousa e Faro

de cartão em que um mortal surgia, de caçador, de casaca ou à paisana, em tons acastanhados, bigodeira encerada a retoque, encostado a uma coluna de cortiça, como coisas das mais profundamente detestáveis, soberanos documentos do mau gôsto humano. Mas tudo evolui; a fotografia sofreu uma transformação análoga à da pintura, e à semelhança dos pintores que deixaram de pintar por receita, no atelier fechado, também os fotógrafos fizeram o seu movimento do «ar livre». E hoje que os amadores ou profissionais da fotografia conseguem, pelo seu critério artístico, pela sua visão particularmente dis-



arte fotográfica mas não em que a fotografia seja uma arte. E se outros argumentos nos faltassem, larga cópia deles nos forneceria o «I Salão da Fotografia» que o simpático, diligente e sensível gerente da «Kodak» em Portugal acaba de promover com o maior dos êxitos. Não reproduzimos, deliberadamente, os premiados, mas sim, um pouco ao acaso, um punhado de pequenos quadros fotográficos, todos de quilate artístico e sugeridores da influência que a própria pintura, o cinema, a escultura, tem exercido sobre esta outra arte... menor, se quiserem, mas de tão gratos efeitos.

«Velha rua» parece um desenho de Stuart, como «Entardecer de S. Tomé» tem o cunho dum dos quadros de Flaherty,

cernidora do belo, formosos quadros que não podem assacar-se apenas ao domínio da técnica, já nos parecem ridículos os que se preocupam em rebaixar o valor do fotógrafo moderno para se espolinharem alvarmente ante um grupo de velhas pintadas a óleo... de figado de algum mestre do «botadelastiquismo», ante o Cristo do Senhor Baeta ou as lambuzadelas pseudo-modernista do senhor Eloy. Será a fotografia uma arte menor, acessória, subalterna, visto que o seu cultor não necessita de largas práticas técnicas e de seguro critério de execução, limitando-se a sua intervenção ao conhecimento de algumas receitas tabelares e ao gosto artístico do enquadramento e escolha do assunto?... Seja!... Cedemos na altura da

EM CIMA: — «Feitor alentejano», por Cândido Liberato
EM BAIXO: — «Saloiás», por A. Dias Beja



EM BAIXO, à esquerda: «Monges», por Armando Menezes Sampaio



em «Sombras brancas dos mares do Sul» ou «Moana». «À beira-mar» será uma sugestão das aguarelas fluidas de Mestre Gameiro ou do nosso enciclopédico Leitão de Barros?... O que é fora de toda a dúvida é que «Feitor alentejano» parece um quadro do grande António Ramalho, como «Saloiás» lembra Silva Pôrto ou até certa fase de Malhóa. Nitidamente inspirado de Carolus Duran ou Lesueur são os «Monges» que aqui reproduzimos, tão belos na sua simplicidade romântica, e a paisagem «Alpes» quantas vezes nos tem surgido nos filmes de Leni Riefenstahl ou nas pinturas de certos mestres alemães dos princípios deste século? E até o jôgo de silhuetas que, no cinema, notabilizou Lotte Reiniger,

ILUSTRAÇÃO

tem em «Entardecer» uma emulação de respeito como os desenhos de W. Haeburn Little ou certas obras primas de Alves de Sá, o grande aguarelista, tem um equivalente, nesta arte fotográfica, na linda composição «Bairro Popular» que fecha as nossas páginas. E olhem todos para as fotos que reproduzimos. Não são, na verdade, muito mais belas do que os muitos mostrenhos em tela que, desde os académicos aos cubistas, passando pelos grupos excursionistas da pintura portuguesa, aí se estacionam por Salões e Sociedades de Arte?...



«Alpes», por Carlos Mantero

reveladoras duma sensibilidade artística média e muito de orgulhar o nosso país. Urge, animados pelo exemplo, que organizemos uma exposição deste género, aberta a todos os amadores e profissionais.

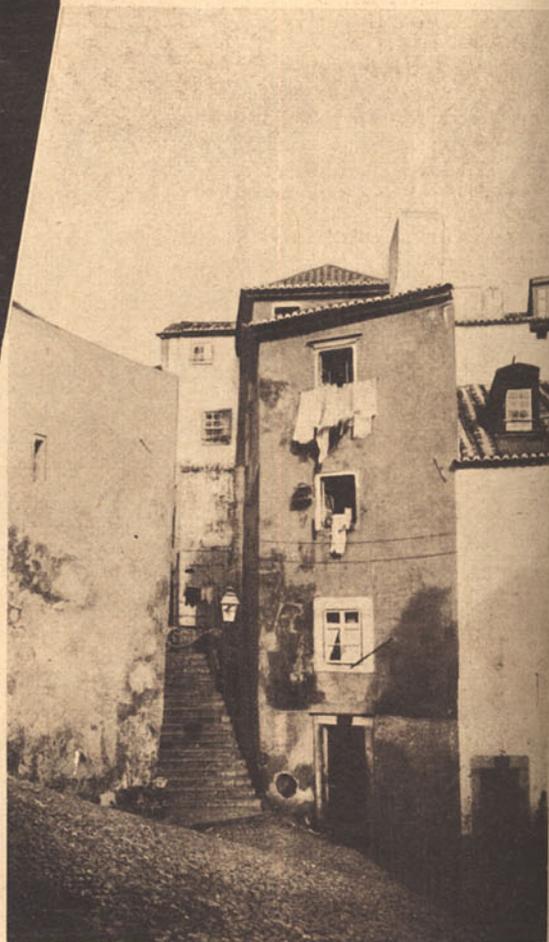
AMÂNCIO CABRAL.

EM BAIXO: — «Bairro popular», por Abel Leite Pinto



«Entardecer», por D. Helena Ferreira Dinis

Limitadíssima, a inscrição do I Salão de Fotografia, pois que as normas de concurso só permitiram a representação de amadores expondo trabalhos executados com Kodak, ficaram afastados os profissionais e muitos dos bons amadores. Assim, Alves de San Payo, o grande artista do retrato moderno, Mário de Novais, uma requintada sensibilidade ultra-moderna servida por uma técnica poderosa, Salazar Denis, um dileitante das coisas belas, Raúl Reis, de posse de todos os segredos como Ferreira da Cunha e, sobretudo, Vitoriano Braga, o grande dramaturgo da geração de hoje, fotógrafo de garra, psicólogo da objectiva, para americanisar os qualificativos, estão fora de competência. Bem?... Mal?... Não sabemos, Sabemos apenas que, recorrendo-se a uma parte dos amadores, alguns usando de aparelhos dos mais baratos daquela grande marca americana, se obteve um certame ultra-curioso, recheado de coisas muito belas e muito interessantes,



FIGURAS EXCENTRICAS DA NOSSA TERRA

O MARQUES DAS OBRAS DO BARREIRO

UM CONCERTO NO CEMITÉRIO, UM COMBATE DE «BOX»,
DENTISTA COM E SEM DÔR, UM CASAMENTO RICO
E OUTRAS COISAS MAIS

longe a medonha scena — o vulto branco como um fantasma à porta do cemitério — tomavam-se de pavor e abalavam como doidos. Ao cabo de algumas horas deu-se Marques por contente, findou o concerto e tornou à barbearia mais rouco do que partira.

Esta façanha do cemitério dá perfeita conta da valentia, da resistência de ânimo d'êste homem invulgar que, no Barreiro, já entrou quasi nos domínios da lenda; outra façanha, um conflito com certo cavalleiro que o socou, dá-nos a noção da sua espontânea graça. E que no dia seguinte à sova, apparecia colado nos vidros da barbearia, desenhado pelo punho do próprio Marques, um tremendo combate de *box*, em que, ao contrário do sucedido, era o outro, o

que lhe batera, quem tombava desmaiado, a cara num bolo informe.

Sua resistência a maus tratos e violências é infinita como seu espirito de improvisação. Rebelde, tinha êle por norma desobedecer às leis a que todos se curvam. Uma noite de intensos boatos de revolução, suspensas as garantias, proibida a circulação de civis pelas ruas, entregue a vila à apertada vigilância da Guarda Republicana, Marques barbeiro, apeteceu-lhe abrir de par em par as portas e janelas de sua casa e vir sentar-se na rua a tomar fresco. Passou a guarda, intimando-o a recolher-se e a fechar as portas e êle desobedeceu, resistiu, protestou, e levou alguns sopapos. Então, para que não o pudessem proibir de ter a sua casa escanca-



Imaginem um homem já grizalho e bastante cabeludo, grenha eriçada e bigode de fartas guias descaídas aos cantos dos lábios à antiga portuguesa, púpila escura e viva, estatura meã e pernas pesadas, inchadas por qualquer moléstia; sem colarinho, desleixado no vestir, güela sempre pronta a deglutir copos de vinho tinto, palavra fácil e argumento na ponta da língua — e aí têm o Marques barbeiro, o barbeiro das obras, como êle é conhecido e evocado com um sorriso irónico nos centros de cavaco da vila do Barreiro.

Mas êste homem que nós conhecemos assim, de tão desprezencioso aspecto, por uma luminosa manhã d'êste último estio, nem sempre foi desleixado com a sua indumentária. Há quem o recorde nos bons tempos em que êle, em dias de folga, envergava um fato branco sem mácula e borracha de vinho a um lado, farnel e guitarra com duas cordas a outro, se dirigia para a liberdade dos campos onde, mesmo solitário, mas sempre alegre, fazia seu *pic-nic* animado e ruidoso. Também succedeu que, uma vez, de volta de uma dessas passeatas, já alegre das libações, topando no caminho a carroça que no Barreiro transporta as podridões que a falta de canalização amontôa em casa dos habitantes, nela se escarranchou e se fez transportar com a desenvolta naturalidade do campónio que regressa à vila a cavaleiras do seu jumento.

Por estas amostras se vê que o Marques barbeiro ou Barbeiro das Obras, como queiram, não é pessoa banal, e bem merece que as crónicas do seu tempo dêle se ocupem com atenção. O pouco que dêle contámos já faz prever maiores aventuras e, pelo que adiante se ler, se verificará que não incorrem em êrro tais previsões.

Êste homem, que há muito tempo vive só, num tugúrio miserável, sem cuidados de família nem preocupações de lar, já teve consigo um ente dedicado — uma cadela que farejava submissa seus passos aventureiros, chegando a acompanhá-lo, certa noite sinistra, em que Marques barbeiro, espirito intimorato, houve por bem dar um concerto macabro, à porta êrma do cemitério. Levou consigo a guitarra de duas cordas, sentou-se num pedregulho e olhando o quarto minguinte de indecisa luz, acordou os ecos com o seu vozeirão áspero, que a cadela acompanhava em contralão e a guitarra sibilhava desconexa:

— Dlim!... Dlão!... Dlim!... Dlão!...
Pessoas que passavam no êrmo, lobrigando de





rada, arrancou tôdas as portas e janelas, e até um portão de ferro enorme, pesado, que dois homens robustos suariam para o erguer.

É desta força o Barbeiro das Obras, que, aliás, como muitos outros barbeiros, se dedica à nobre tarefa de arrancar dentes com ou sem dor, conforme os clientes e a sua boa ou má disposição. É incontestavelmente o dentista mais popular do Barreiro, exercendo livremente, com autorização dos médicos e da Administração do Concelho, o seu humanitário *metier*. Mas nem sempre êle teve essa liberdade.

Antigamente os médicos diplomados não o viam com bom olhos. Era um concorrente perigoso, mais pela modicidade dos preços (chega a tirar dentes por um copo de vinho) do que pela competência profissional. Queixaram-se e, certa manhã, conta o Marques com ironia, apareceram-lhe uns homens com cara de polícias a transmitir-lhe um recado: «O senhor Administrador pede-lhe a fineza de se apresentar na Administração».

O herói de tanta aventura complicada e difícil não se atarantava com mais uma.

— Queira dizer ao sr. Administrador que não tardo em lá ir — respondeu êle aos que tinham cara de polícia.

Calculou que pretenderiam embarçá-lo com o exercício ilegal da profissão de dentista. Um socialista que estava barbeando naquele instante, deixando-lhe apenas meia face escanhoad, despediu-o com estas palavras sábias: — O meu amigo quer então que se reparta o trabalho e a riqueza, não é verdade? Pague-me, pois, metade da barba e vá ali ao meu vizinho escanhoar a outra metade que êle também precisa de ganhar dinheiro.

Em seguida envergon o seu melhor fato, apurou as guias do bigode, deu um geito de penteado ao cabelo indomável, ensaiou ao espelho uma expressão grave, preparou duas malas de mão, numa metendo a ferramenta de barbeiro, noutra, os ferros e ingredientes de dentista e, assim apetrechado, deu entrada na Administração de Concelho.

— Vossa Excelência precisa dos meus serviços? — perguntou ao Administrador. De quais, ós de barbeiro ou de dentista?

Estavam presentes os médicos do Barreiro «com cara de caso», segundo a expressão do Marques das Obras.

Explicou-lhe o administrador os motivos porque o chamara: tirava dentes sem ser dentista. Era um perigo, contrariava a lei e, por isto, mais aquilo e aqueloutro, convidava-o a deixar-se dessas práticas.

Marques, argumentou pronto, ripostou, opôs razões, que os outros escutavam silenciosos, mas não isentos de curiosidade, e acabou por se prontificar, ali mesmo na presença dêles, a dar provas cabais da sua competência. Caíram os outros no lôgro de aceder aos seus desejos, e logo êle, que bem sabia quem no Barreiro sofria do mal de dentes, correu à rua em busca de enfermos.

Bateu à porta de uma mulherzinha que há muito tempo se queixava.

— Oiça lá tiasinha — disse-lhe êle — quer tirar o seu dente de graça?

Ora, se queria!... Mandou-a esperar na Administração e correu a outro doente, um ralpazote, que remeteu com igual destino. Faltava-lhe, porém, um homem, visto que já tinha uma mulher e uma criança para tratar. Não lhe aparecia nenhum à mão. Marques desesperava e, para não perder o hábito e melhor se inspirar, entrou numa taberna a beber dois decilitros. O acaso — a sua boa estrêla — fê-lo deparar ali mesmo com um desconhecido que se contorcia com dores horríveis num queixal.

— Vá imediatamente à Administração — disse-lhe o barbeiro — que eu arranco-lhe isso sem dor e de graça!

Ía o Marques, munido de um líquido de sua invenção e segrêdo, ao qual não havia dente que resistisse. Os médicos examinaram os doentes, realmente estavam enfermos e o Barbeiro das Obras pôs-se a trabalhar. Primeiro, a criança. Aplicado o líquido de segrêdo, instantes depois, o dente estava nas suas mãos, sem que o paciente sentisse o menor abalo; depois a mulher, um pouco mais difícil mas que não resistiu dois minutos; por fim, o homem. Quando Marques lhe viu a bôca cafu-lhe a alma aos pés; era uma perfeita queixada de burro. Não desanimou, porém, fêz a aplicação do sagrado líquido e deu-lhe um empuxão. Não cedeu. Outro empuxão. Não cedeu. Esperou uns segundos e tornou à carga e o dente enorme, de três raízes recurvas nas pontas, apareceu inteirinho nas suas mãos.

Administrador e médicos ficaram assombrados.

— Desejam V. Ex.^{as} mais alguma coisa do meu fraco préstimo?

Não, não desejavam. Então, Marques pediu-lhes para assinarem um documento em que afirmassem terem assistido aos seus tratamentos e o consideravam competente. É munido dessa autorização, que os outros acederam em lhe confiar, que êle agora exerce o humanitário mister de tira-dentes.

Mas a melhor de entre tantas que se contam a seu respeito é a do seu noivado rico.

Uma senhora abastada das cercanias do Barreiro, viuva, virtuosa, sentindo que os anos passavam em vão sobre os restos da sua mocidade que não voltaria mais, anunciou nas gazetas sua disposição de consorciar-se com pessoa de alguns haveres e família distinta. Bateu o anúncio muito tempo nas gazetas sem lograr resposta, até que, uma manhã, se deteve ao portão uma carruagem de luxo, bronzada, cuja portinhola um trintanário cortês abriu solícito para dar passagem a um cavalheiro cerimoniosamente vestido — chapéu alto, sobrecasaca, bota afiambreada — que enviou à dona da casa o seu cartão.

Foi lá dentro uma confusão indescritível, vozes que cochichavam ordens, enquanto as portas do salão se abriam de par em par, franqueando a passagem ao aristocrático visitante.

Após breves momentos de espera veio a viuva, com o seu melhor trajo, recebê-lo pressurosa, desculpendo-se de fazer esperar o sr. Visconde. Ele ia por causa do anúncio. Já não era novo, amava o conchêgo do lar, as torradas a horas, a terna assistência de uma esposa, e o anúncio dela fizera-lhe vislumbrar tôdas essas felicidades.

Logo a dama casadoira se desfêz em amabilidades, que o aristocrata escutava com o favor do seu sorriso concendescente. A conversa ani-

rou-se, tornou-se íntima. A viuva confidenciou as suas torturas originadas na solidão do seu viver. Ela era uma terna, uma amorosa, ainda cheia de vida, disposta a fazer compartilhar dos seus tesoiros de alma e de seus bens materiais — terras de sementeira, grande quinta verdejante de horta e pomares, um palacete recheado de tudo que era bom — um homem distinto e amável como o Visconde.

Lembrou-se ela de oferecer merenda ao nobre visitante, que aceitou sem enfado, preferindo cerveja para beber — que o vinho... repugnava-lhe. Veio uma caixa de cervejas que a sêde inextinguível do Visconde bastante desfaleceu e o cocheiro e trintanário, bons rapazes, dela beberam também a sua pinga.

Tudo corria bem, em alegria franca, «senhor visconde» para aqui, «minha senhora» para ali, quando ao meio dia regressam os trabalhadores da quinta para jantar e verificaram que a patroa, tôda absorvida pela visita, se esquecera de mandar fazer comida.

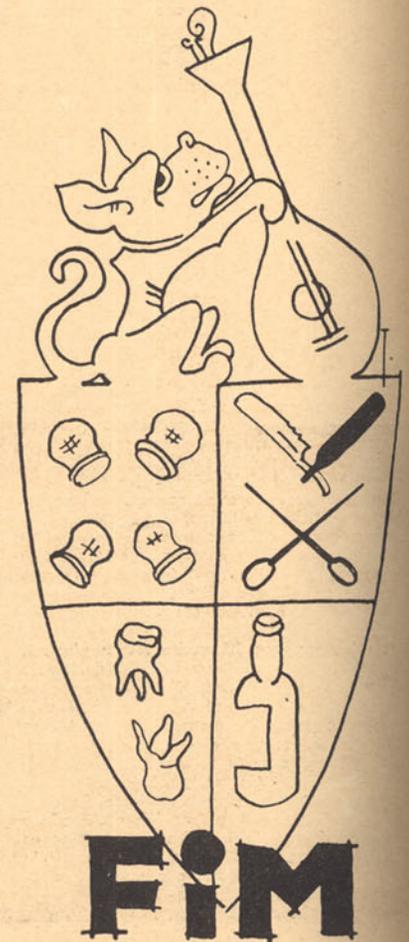
A súbita presença do capataz, delegado dos famintos, interrompeu o idílio.

— Então senhora — disse êle indignado, da porta do salão — em vez de mandar fazer o jantar dos homens está para aí a dar atenção ao Barbeiro das Obras?!

Um momento de indescritível surpresa e, na confusão, esgueirou-se o Visconde, o Marques barbeiro, a tôda a brida no trem emprestado, como emprestados eram a maciça corrente de ouro, o chapéu alto, a boquiha em que scintilava um brilhante, o alfinete de gravata, o lenço de seda e a sobrecasaca, a bengala de castão de ouro e as botas afiambreadas, o cocheiro e o trintanário. A meio da estrada havia uma taberna. Marques mandou parar e desceu.

— Dá-me dois decilitros — pediu êle ao taberneiro, que não reconheceu naquele senhor tão janota o Marques barbeiro, que tanta vez lá se embriagara.

MÁRIO DOMINGUES.



XII

(Conclusão)

E sem rodeios, sem preparativos que afofassem a queda do bloco granítico da revelação — denunciou que era filha de um delinquente profissional — de um gatuno de cadastro, de um «hors-de-la-loi» sem reabilitação possível. Aquelas viagens a que ela se referia como contínuas ausências do pai — eram apenas hospedagens, longas ou curtas, muito repetidas, pelas várias penitenciárias de Inglaterra e do estrangeiro. Sua mãe, uma burguesinha simples, destinada a um lar tranqüilo e honrado enamorara-se de um jovem bem trajado e insinuante que respeitosa e perseguira durante meses. Quando o *flirt* mudo e tímido passou a namoro com passeios pelo Hyde Park — ele declarou-se caixeiro viajante de uma fábrica de Manchester e com tôdas as possibilidades de sociedade na casa. Apresentou papelada falsa mas que facilmente iludiu a família da burguesinha. Casaram — e durante um ano e meio ela ignorou a verdadeira profissão do marido. Entretanto nascera ela, Dálila — e estava em vésperas de ser mãe pela segunda vez, quando, uma noite êle entrou, pálido de morte, suando, angustiado, misterioso... O

NOVELA INEDITA E ORIGINAL

«O Gipe»
do

Metropolitano

DO REPORTEUR X

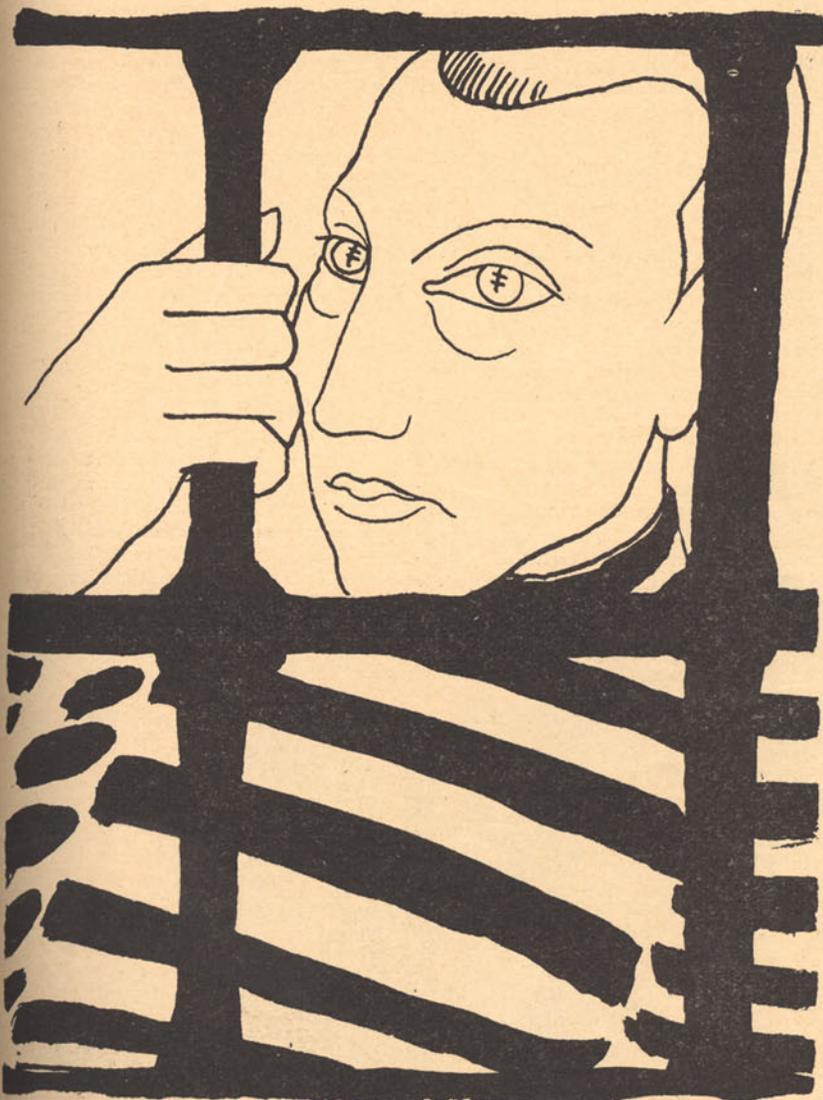
DESENHOS DE JOSÉ TAGARRO

pressentimento de uma fatalidade enegrecu a alma da pobre burguesa... Foi nessa noite que êle lhe confessou a terrível verdade... Vivía de escamotear carteiras, de falsificar cheques, de passar moeda falsa... Empreendera naquela tarde uma proeza de maior

vulto induzido por um estrangeiro, seu antigo companheiro de escola, má alma — sombra que o desviara, desde os 18 anos, do bom caminho, que o projectara para tôdas as faanhas que êle praticara, que fizera dêle um gatuno e um *escroc* — e que tivera sempre a habilidade de se velar na sombra e de se escapar à polícia. Reconhecia a influência maldita que aquele amigo tivera e tinha na sua vida, em todos os seus actos — mas um secreto poder o escravizava numa hipnose perpétua, impossibilitando-o de se libertar... Duas vezes estivera prêsso; e todos os projectos de regeneração urdidos no arrendimento da cela se desfaziam mal se abriam as portas do presídio — porque êle, o outro, o esperava e retomava o seu domínio, mal a sua vítima regressava à vida. Foi tão violenta a surpresa, tão alta a queda daquele pobre coração — que ela não resistira... Um parto prematuro — e 24 horas depois a morte. Estava ainda o cadáver em casa — quando os detectives de Scotland Yard o vieram buscar...

Até aos sete anos Dálila não tornou a ver o pai. Cumprida a pena voltara muito mudado. A morte da mulher que êle queria com todo o coração, furtara-lhe os restos de sensibilidade — entregando-o, como um cadáver moral, aos planos maquiavélicos do antigo condiscípulo estrangeiro — que continuava a gozar uma imaculada e invejável fama de ricoço, perito em comércio e em... honradez! Nos dias e dias de inactividade, na sua mandrice de gatuno em férias, após uma empresa lucrativa — o seu mata tempo predilecto era exercitar a filha na prestidigitação de «sorver carteiras» ou de abrir fechaduras pelos processos mais engenhosos. Mas Dálila herdara da mártir que lhe dera o sêr um instinto forte, inviolável, de honestidade — enojando-se, sem auxílio do raciocínio, por tôdas as ilegalidades.

«Tinha 14 anos — quando vira o pai pela última vez. Já então senhora absoluta da sua consciência e da sua inteligência, invulgarmente precôce, e não tendo ilusões a respeito da ascendência, sofria uma perpétua luta íntima, entre o dever moral de o respeitar e de o amar e o sentimento de irreprimível desprezo por aquela vida encascada em lama. Resolvida a esquivar-se por completo a todo o contacto com o pai, propusera-





-lhe separar-se e iniciar a sua vida trabalhando honradamente. Resistira êle a dar o consentimento — mas Dálila impusera-se. Soubera mais tarde que êle fôra prêso no estrangeiro por uma escroquerie de cheques falsos architectada, como sempre, pelo outro, e que dera brado mundial — sendo condenado em quinze anos de penitenciária... E o outro, como sempre, continuava em liberdade, impune graças à lealdade e ao silêncio do cúmplice, escravo e mártir...

— Mal sabes tu — disse Dálila, erguendo-se e indo sentar-se junto a Eugénio e acariciando-lhe a cabeça que êle tinha sepultado entre as mãos — mal sabes tu o que, na nossa primeira hora de palestra, na gare do metropolitano — me atraíu, numa emoção, para ti e fêz pressentir que as nossas vidas se cruzariam um dia...

Eugénio desenlaçou as mãos que lhe velavam o rosto e olhou, interrogativamente para Dálila. A sua expressão era de suprema angústia — mas Dálila, que encostava a sua face à face de Eugénio prosseguiu, sem reparo:

— Foi a coincidência da tua nacionalidade se ligar à recordação mais dolorosa que tenho de meu pai... É que o espírito diabólico que o desencaminhou desde a saída da escola e que o perdeu para sempre, o seu tirano, o seu dominador — também é, ou era, português. (E digo *era* porque ignoro se vive ainda ou se já está respondendo no supremo tribunal pelas obras que praticou cá na terra...). É que a última cabeçada de meu pai — foi dada aqui, em Lisboa... É que... (e a voz de Dálila sumiu-se e duas lágrimas serpenteavam dos olhos; orvalho da sua Dôr, sobre as rosas das suas faces. Depois, noutro tom...) Recordas-te Eugénio daquele meu ataque de nervos — o primeiro e único a que assististe — quando, pouco tempo depois de eu estar em Portugal, me indicáste um casarão de muros vermelhos que se ergue ao cimo da Avenida e que me disseste que era a Penitenciária? Lembras-te de que não completaras ainda a informação — quando eu caí, estrebuchando, sendo tu obrigado a levas-me de automóvel para casa? É que... meu pai vive, enterrado vivo, por detrás daquelas muralhas cõr de sangue, vai para sete anos...

— Pois teu pai está na nossa Penitenciária? — perguntou Eugénio, lívido...

— Está!

— É o que faltava... — disse êle num murmúrio e ocultando de novo a cabeça entre as mãos entrelaçadas...

E Dálila continuou:

— A primeira e última vez que me escreveu foi nas vésperas de te conhecer... Que horror de carta, a sua... Êle, sempre tão optimista, sempre tão esperançado na sua boa estrêla — confessava-se definitivamente vencido, derrotado, sem reabilitação. Pela primeira vez se queixava do seu espírito mau... Dizia-me que êle lhe prometera, como preço do seu silêncio, garantir, depois da sua morte, o futuro da filha... (E com um sorriso amargo, completou)... O meu futuro!!! E acrescentava: «Se êle faltar à sua palavra depois de eu morrer — é preciso que alguém o castigue e êsse alguém és tu. Jurei que nunca revelaria o seu nome, e quero cumprir o meu juramento como, aliás, êle tem cumprido quasi totalmente os seus. Falta o mais grave de todos, o que pode redimir-me e dar-me uma morte calma que é o que a ti se refere — mas êsse não posso eu controlar... E eu quero que êle o cumpra ou que seja castigado... Quando eu fechar os olhos para sempre, hão-de comunicar-te para Inglaterra... Espera uns meses — e se não tiveres noticias dêle — faz um sacrifício, vem até Portugal, até Lisboa... Existe em Lisboa uma grande Avenida, a que chamam da «Liberdade» — ao cimo da qual estão as grades da minha prisão... Subindo esta Avenida encontrarás, à esquerda, um coreto... Do lado sul do coreto verás quatro bancos, colocados em meia lua... No segundo a contar da esquerda verás um nome, riscado a canivete... É o nome dele... Fui eu quem o gravou, pensando em ti, nas vésperas de ser prêso e prevendo já o que ia succeder-me. Lê-o, fixa-o e denuncia-o...»

Dálila, que repetira, como se lêsse, todo êste trecho da carta paterna, calara-se, começando a acamar, carinhosamente, a cabeça de Eugénio. Depois, rematou:

— Nunca mais tive noticias de meu pai...

XIII

Quanto tempo durou aquele silêncio?

Eugénio continuou imóvel, curvado, amarfanhado no extremo da otomana — os cotovelos fincados nos joelhos; a cabeça repousada e oculta entre as mãos... Dálila, que-dara-se num extasi, de olhos fixos na parede

fronteira; o rosto pousado no ombro de Eugénio; a serpente branca do braço enroscada no seu pescoço...

Quanto tempo se mantiveram assim?

Súbito, Dálila quebrou o seu extasi e olhou com estranheza para Eugénio. Sacudiu-o brandamente. Êle ergueu a cabeça. Chocaram-se os olhares.

— Pronto! Obedeci-te, com sacrifício — mas obedeci-te. Se era êste o único atrito para a legalização do nosso amor, da nossa felicidade — desfeito está... Não admito a hipótese sequer que tenha ficado no teu espírito a menor dúvida sobre a verdade de tudo quanto te contei — e nessa verdade, como vês nada existe que me torne indigna de ser tua esposa. Fui uma criança criada sem outro guia moral que não fôsse o meu próprio instinto; cresci em plena liberdade; maus exemplos não me faltavam — e a-pesar de tudo e contra tudo se pequei, se me desviei de uma linha de conduta geométrica-mente recta a uma só pessoa o devo — a Eugénio de Jesus; e tu sabes como eu que não cedi; tu sabes como conseguiste desviar-me do meu próprio caminho... Portanto — se até há pouco supplicava, apenas e brandamente, o cumprimento da tua promessa de me dares o teu nome, de me libertares desta situação injusta de amante — agora que tu fizeste da revlação do que ignoravas quasi uma *chantage*; agora que eu cedi, sem vacilações, à tua exigência — também *exijo* que faças o teu dever... Perdôa-me... É esta a primeira e última exigência que me conhecerás — mas *exijo-o!* Exijo-o por dignidade! Exijo-o por amor próprio! Exijo-o para responder à tua exigência!

Eugénio, respirando a custo, tomou-lhe as mãos e tentou fitá-la — mas não ponde. O seu olhar não aguentava o olhar dela... E abanando a cabeça, num gesto de desalento, voltou-se, como que fugindo à interrogação ansiosa que brilhava nas íris de Dálila.

— Que horror... meu pobre baby.

— O quê, Eugénio?... Que queres tu dizer?

— Dálila...

— O quê? Tu hesitas, Eugénio!

— Dálila!

— Tu hesitas depois de me exigires que me humilhasse revelando-te um segredo doloroso que era a prova desnecessária que precisavas para me saberes digna de ti?

— Dálila... Espera... Tu sabes lá o que eu sofro há meia hora... Sabes lá! Tu não vês a minha responsabilidade, os meus deveres sagrados para o nome imaculado que uso! Tu não comprehendes que terrível luta se trava em mim, entre êsse dever e o meu



amor? Tu não comprehendes que todos os sacrificios tu mereces — todos menos esse? Que fatalidade! A minha Dálila filha de um...

— Eugénio! Eugénio!

— Que fatalidade! Bem sei que nenhuma culpa tens — mas a sociedade? A reputação da minha família? E a memória de meu pai? Oh! Que horrível dilema...

Dálila erguera-se... A mulher flexível, suave, terna, quasi humilde, que rastejava risonha em redor do homem que amava, desaparecera — ficando a substitui-la uma figura hirta, duma dureza de mármore, de olhos cruéis, narinas palpitantes, dedos recurvados, enclavilhados, ameaçadores...

— Dálila... que vais tu fazer?

— Adeus, Eugénio...

— Espera, por piedade... Deixa-me reflectir... Talvez eu ceda... Talvez possa sacrificar o meu nome... Talvez se encontre uma resolução para tudo sem tu me perderes...

Dálila casquilhou uma gargalhada:

— Ah! Não... Agora nem com tôdas as transigências eu ficava... Bastou ver-te vacilar — depois da minha confissão... E descança: não sou eu que te perco; tu é que me perdeste e nunca mais me encontrarás... Adeus...

Em vão Eugénio tentou sustê-la... Uma energia galvanizada pelos nervos em revolta dera aos movimentos de Dálila uma força inesperada... Safu da sala — e elle quedou-se como um farrapo, incapaz de uma reacção, de uma iniciativa, com os olhos cheios de lágrimas fitos no retrato imponente do pai — e sem conseguir aliviar-se num pranto violento e desanimador... Começava a chover... A agua tamborilava nos vidros da janela... A porta da rua bateu, com estrondo... Uma criada, impelida simultaneamente pelo cuidado e pela curiosidade veiu avisá-lo de que «a senhora saíra e levava uma mala de mão...»

— Está bem... Já sei... Deixa-me em paz!

XIV

As primeiras horas da madrugada Eugénio sentiu como que uma dispnea nervosa... O ambiente morno da *chauffage* asfixiava-o... Sacudiu aquele entorpecimento; ergueu-se; envergou um sobretudo e saíu... Passava um *taxi*... Tomou-o... «Para a Baixa»... Não tinha objectivo certo — mas sentia a necessidade de fugir da solidão — e nunca como desde que Dálila partira se sentia tão só na vida... O seu espirito anestesiara-se, num armistício onde palpitava já a certeza de um longo, breve e doloroso sofrimento de saúde. Não podia negar... Dálila era o seu grande amor. Nunca mais tornaria a ser feliz com outra mulher. Nunca mais! E perdera-a... Ah! Elle conhecia-a o suficiente para acalantar qualquer esperança... Perdera-a irremediavelmente... Mas... não cumprira elle o seu dever de filho, que tudo sacrificia pela memória do pai? Era possível ligar o seu apelido à filha dum penitenciário? Havia, a transparentar-se, por detrás desta obsessão a silhueta do seu valor exacto — algo como que uma claridade do bom senso a raciocinar e a dizer-lhe que um nome herdado, por muito illustre e glorioso que seja — não merece a abdicção para sempre de toda uma organização de ventura... Se essa claridade de bom senso se dilatasse, iluminando-o por completo — a amargura da sua situação dila-

tar-se-hia também. Por isso Eugénio procurou apagá-la e agarrar-se enérgicamente ao convencimento vaidoso de que fóra «forte» e «enérgico», defendendo contra a tentação do amor — a dignidade da família. Apegando-se assim a este orgulho — julgava elle suavisar a tortura da saúde...

Aparea-se nos Restauradores — com tenção de ir aturdir-se no Maxim's — mas faltara-lhe a coragem de entrar... Repetindo sempre que procedera como era honrado proceder, deambulou, sem noção das horas que passavam, até que os primeiros pregões dos jornais vieram despertá-lo...

Sentia-se doente... A bôca secara-se-lhe... As pálpebras pesavam... Um frio mui fino e irritante arpejava-o de volta e meia... Um mal estar horrível se apossara de todo o seu sêr... E à medida que esse mal estar se acentuava — mais suave e quente era a recordação do seu ninho de amor; do seu quarto; da sua cama; das caricias humildes e ao mesmo tempo sábias e dominadoras de Dálila... A casa continuava sua; seus eram quarto e o leito... Bastaria tomar outro *taxi* e regressar... Ah! Sem Dálila não, não! Era preferível o cansaço, o frio, a chuva, o vaim sem rumo pela Avenida, até ao completo nascer do dia. Sentiu uma tontura... Acovardou-se, amedrontado pela ideia disparatada da morte... Deixou-se cair no primeiro banco que lhe appareceu... Tomou grandes haustos de ar — como que para se defender de uma fantástica asfixia... O repouso — sossegou-o um pouco... Sentiu-se melhor... Acomodou-se... Acendeu um cigarro — e antes que o fósforo se apagasse descobriu uns rabiscos feitos a canivete numa das táboas do banco. Sem saber porquê sentiu-se impellido por uma curiosidade imperiosa, obsecante, urgente... Encolheu os ombros e quis levantar-se; chegou mesmo a dar uns passos — mas logo voltou atrás e tornou a sentar-se, semicerrando os olhos e procurando ler, na penumbra, as palavras riscadas na madeira... Era impossível... Acendeu um fósforo e conservou-o junto à táboa até a

minúscula chama lhe queimar os dedos... Piparoteou o chapéu para a nuca, pestanejou, circunvagou a vista, fazendo um esforço para acordar — porque, não havia dúvida: elle sonhava... Mas se era sonho — pesado devia ser, porque não conseguia libertar-se dele. Riscou um terceiro fósforo e, soletRANDO, leu o nome que no banco tinham gravado... «Jesus»... Mas... Tornou a ler «Ricardo Jesus»... Mas... mas... Agora via — era autêntica a dispnea... Ricardo Jesus era o nome do pai... Pela quarta vez brilhou a asa de fogo de um fósforo... Ricardo — não... Quem riscara com uma lâmina o nome de baptismo não escrever Ricardo — mas sim «Richard» — em orthografia inglesa... E logo, como se do alto da sua consciencia se rasgasse uma abóbada imensa — tôda a confissão que horas antes Dálila lhe fizera a respeito do pai caía-lhe sobre a memória, num só bloco... Tudo quanto ella dissera tomava forma viva, dentro do seu cérebro...

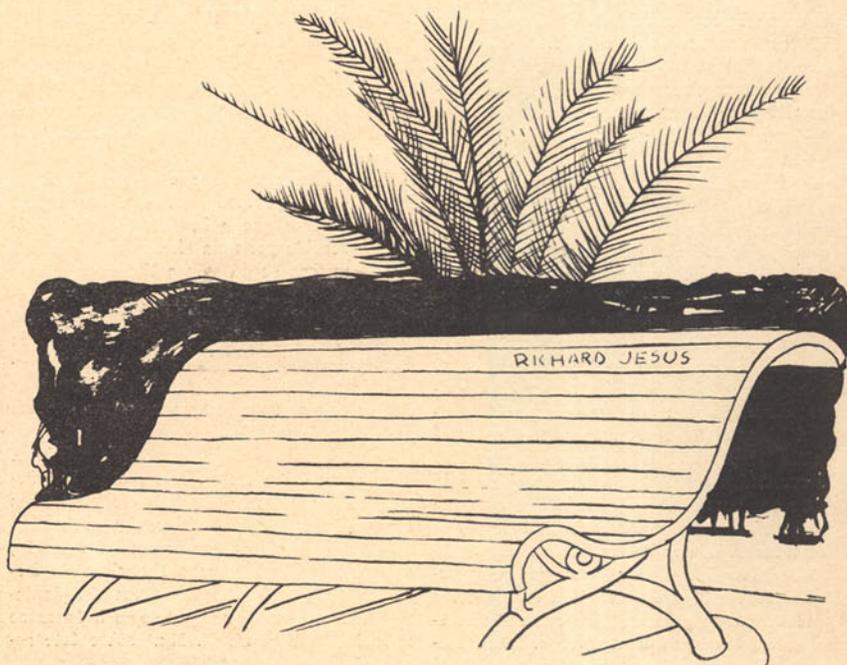
Eugénio teve medo do seu próprio cérebro. Ergueu-se, dum impulso, como se um elástico poderoso o tivesse arrancado d'ali... Ergueu-se — e sem desfitar o banco, foi às arrecuas, até ao coreto... Junto ao coreto parou e orientou-se... Onde estava o sul? O norte? A sua mão esquerda? A seguir, mecnicamente, contou:

— Um... dois...

O banco onde elle estivera sentado; o banco onde elle lera o nome do pai era o segundo... O segundo... do lado do sul... a contar da esquerda.....

Já lá vão alguns anos. Dálila encontrê-a, em 1927, em Paris, descuidada, duma magreza suspeita — caixeira-interprete dos Armazens do Louvre... Eugénio estoirou em África com uma biliosa... De toda esta novela só resta um vestígio: o nome de «Richard Jesus» desenhado a canivete no segundo banco a contar da esquerda, do lado do sul do coreto, na Avenida da Liberdade... Quando passarem por lá — vão vê-lo...

FIM



O MAESTRO PEDRO DE FREITAS BRANCO

CONFIA A "ILUSTRAÇÃO"
OS SEUS
PONTOS DE VISTA

SOBRE

A INFLUENCIA DOS CONCERTOS. — A NOSSA EVOLUÇÃO MUSICAL. — MUSICA DE ONTEM E DE HOJE. — A MUSICA FINA E A OPERA. — O NACIONALISMO NA MUSICA. — A OPERA PORTUGUESA NÃO PASSA DUMA FANTASIA... OU PODE SER, AMANHÃ, UMA BELA REALIDADE? — O LIED — O FADO.

O nome de Pedro de Freitas Branco já passou as nossas fronteiras. Vêmo-lo citado com respeito e entusiasmo pela crítica estrangeira. Antes mesmo de em Portugal ocupar o lugar que por direito lhe pertence, já Londres havia aplaudido os seus concertos sinfónicos e as melhores cidades inglesas lhe tinham confiado a direcção dos seus espectáculos de ópera. Há pouco mais de quinze dias, na «Filarmónica» de Bilbao, onde passam os melhores nomes do mundo, este jovem Maestro vencia a habitual serenidade dos vascos fazendo-se aplaudir calorosamente. A crítica vascongada, em geral tão difícil, disse unanimemente: — «Está aqui Algém. É preciso que Freitas Branco volte a Bilbao...»

E o Maestro português assim tenciona fazer. Perguntamos-lhe:

— A direcção da sua orquestra não lhe permite ainda esta época dar outros concertos fora do nosso país?

— Talvez... Aproveitando a vinda a Lisboa de alguns maestros estrangeiros conto dirigir um ou outro concêrto em algumas cidades da Europa.

— Assim...

— Devo começar por Paris.

— Magnífico. Os artistas são lá fora os nossos melhores embaixadores. Pena é que tão poucas vezes se fale de nós.

Ao declinarmos o motivo da nossa entrevista e as perguntas que desejávamos fazer-lhe, Freitas Branco mostra-se encantado.

— Interessa-me imenso responder-lhe...

— ...

— Ah, sim, sem dúvida... A influência dos concêrto na educação musical do nosso público tem sido notável. Desde os primeiros concertos do S. Luís até hoje, o caminho percorrido é grande. As condições eram outras. Nem os elementos que formavam as orquestras tinham a preparação de agora, nem os programas podiam obedecer ao critério de selecção a que actualmente obedecem. O gosto pela música sinfónica não se tem apenas desenvolvido; tem-se depurado também. No entanto, a-pesar da natural relutância do público pelas coisas novas, que têm de ser dadas cautelosamente, o ambiente já então era bom. Recordo-me de que os *Murmúrios da Floresta* de *Siegfried*, talvez por se encontrarem dentro do sentido embalador do público, foram bisados logo na primeira audição. A benéfica influência dos concertos pode avaliar-se pela maneira como são recebidas as obras mais modernas. Evidentemente que entre essas obras nem tudo é

oiro de lei, por isso eu julgo conveniente fazê-las ouvir no seu momento áureo, porque algumas delas amanhã terão passado... Lisboa compreende e aplaude obras cuja execução seria impossível sem a educação musical que os frequentadores dos concertos já têm. Embora a vida particular de cada um lhes não permita entrar nos segredos mais íntimos da arte, toda a gente pode receber aquele conforto espiritual, que um homem verdadeiramente civilizado não dispensa.

— Falou-me há pouco da maneira como o público recebeu os *Murmúrios da Floresta*...

— Fi-lo propositadamente. A actual reacção contra a corrente melódica começa precisamente com Ricardo Wagner. Ainda que as principais inovações do músico genial digam sobretudo respeito à música dramática, também na harmonia e na orquestração da música pura o seu espírito inovador se fez sentir. Wagner trouxe à música uma grande riqueza intelectual.

— No entanto, Debussy...

— Sei o que vai dizer-me. Sim, é verdade, com Debussy reentramos na música que fala principalmente aos sentidos, — mas, para esse efeito, já se não utiliza da melodia. Serve-se do processo harmónico e dos timbres orquestrais. E de Debussy para cá a importância dada à melodia é cada vez menos. É já difícil medir a distância que vai de Bellini ou Mozart, a Prokofieff, Honegger ou Schönberg, que já não pretendem apenas sensibilizar-nos. A emoção procurada por estes últimos é mais intelectual e mais profunda. A melodia parece-lhes demasiado fácil... Evidentemente que a grande fonte da música foi e será sempre a inspiração. Mas é preciso que a inspiração seja dominada e servida por uma técnica poderosa...

— O mesmo se dá com a literatura. Também sob o ponto de vista literário o século XIX foi duma enorme riqueza, mas essa mesma riqueza foi a causa do seu grande erro. Os escritores deixaram-se levar desordenadamente pela inspiração; e daí certo arrouxou que se nota mesmo nas obras primas da Escola Romântica.

— Precisamente o que sucede na música... onde agora triunfam o ritmo e o timbre. *Petruska* e *Le Sacre du Printemps*, as duas obras primas de Stravinski, assim o afirmam.

— Nas entrevistas que deram a *Ilustração*, as opiniões expostas por Francisco de Lacerda e Ruy Coelho divergem frequentemente... Sobretudo na parte que à ópera se refere. O que pensa V. Ex.^a sobre este assunto?

— A ópera esteve sempre nos meus sonhos e nos meus projectos. E a representação da *Aida* prova que já alguma coisa fiz nesse sentido.

— Para a realização desse espectáculo serviu-se de elementos portugueses?

— Melhor do que isso... Servi-me apenas de elementos portugueses; desde os cantores e bailarinos até ao guarda-roupa.

— Senhoras e rapazes da sociedade... — Todos os meus colaboradores eram profissionais, ou, pelo menos, pessoas que, embora sem encontrarem quem lhes aproveite as qualidades, desejam dedicar-se à arte lírica. Que os nossos esforços se não perdessem, di-lo o facto de na última temporada de ópera do Coliseu se utilizarem os coros organizados por mim.

— E quanto à organização duma companhia de ópera portuguesa, acha que poderia fazer-se.

— Poderia dizer-lhe que sim, mas não seria leal aos outros, nem à minha consciência. Ainda é cedo para isso. Poderíamos, sim, fazer o que se faz no Brasil e em Inglaterra.

— ?

— Introduzir nos elencos estrangeiros artistas nacionais. Isso teria a vantagem de ir lançando os nossos cantores e preparando a organização duma companhia portuguesa.

— Compositores dignos dum especial relevo, vê alguns?

— Augusto Machado foi um músico de valor. As suas óperas cantaram-se na Itália e em França. Alfredo Keil com a *Dona Branca* e a *Serrana*...

— Não cre numa próxima renovação musical do nosso país?

— O chamado movimento nacionalista que em Espanha deu Manuel de Falla e na Tcheco-Slovaquia, Bela Bartok, como já anteriormente dera Smetana, pode muito bem repetir-se entre nós. Não é nada que eu não considere possível. Pelo contrário...

«Cada país tem a sua Hora, porque não havemos nós de ter a nossa? Depois de Wagner ficou ainda a Itália com Verdi; a seguir foi a vez da Rússia com a gigantesca onda dos Mussorgsky, Borodine, Rimsky-Korsakoff, etc. Os franceses tiveram a sua Hora com Debussy, Ravel e Dukas. Só ultimamente as atenções se voltaram para a Espanha. Pode muito bem ser que a Hora de Portugal esteja perto. Eu farei tudo o que em mim caiba para a sua eclosão. Há uma pléiade de novos muito interessante: Crowner, Graça e Fernandes são belas esperanças.»

— Seu irmão Luís...

— Voltou a inspirar-se nas formas clássicas eternas, depois de ter sofrido as influências naturais que eram as emanações impressionistas de Debussy.

«Quanto à ópera nem tudo nos falta. S. Carlos é um teatro admirável e contamos com alguns elementos de inegável valor. Mas sem que o Estado nos dê o seu apoio moral e material, isto é, preparando e subsidiando o seu teatro de ópera, julgo que nada de notável e definitivo poderemos fazer.

— Acha que, embora sendo estrangeiras, as óperas devam cantar-se em português?

— Não. As óperas devem, tanto quanto possível, ser cantadas na língua em que foram escritas. A tradução atraiçoa sempre um pouco o espírito da música.

— E quando isso não fôr possível...

— O idioma preferível é, sem dúvida, o italiano, que além de ser o mais próprio para o canto, não é difícil de aprender.

— E se, em vez duma companhia de ópera portuguesa com um repertório internacional, nos limitássemos a uma companhia que unicamente cante óperas portuguesas...

— O seu repertório seria evidentemente restrito. Desde Marcos Portugal, que fez música italiana, às últimas tentativas de Rui Coelho e José Cordeiro, tem-nos faltado o fio condutor necessário para a existência da ópera portuguesa. De resto, não sei o que isso tenha de deprimente ou vexatório para nós... Grandes nações como a Inglaterra, e a própria Alemanha, depois de Wagner, pouco tem produzido. O que me parecia

inconveniente era estarmos a decalcar continuamente os mesmos moldes e lugares comuns.

— Relativamente ao *lied*?

— Servem as considerações que fiz para a ópera. No entanto, os cantos populares portugueses são um manancial riquíssimo. Demonstram-no à evidência os três volumes dos *Cancioneiros* de César Gonçalves, e as preciosas colecções de Armando Leça e de Francisco de Lacerda, que tendo feito uma solidíssima educação musical na Scola Cantorum, produziu ultimamente uma série de trovas de sabor popular, trabalhadas sob a forma erudita.

— Considera o fado a canção nacional por excelência?

— De modo nenhum. Ao falar-lhe nos cantos populares, evidentemente que me não referia ao fado.

— Estávamos certos disso. Mal de nós se o fado fôsse a canção nacional, como lhe chamam os seus *cultivadores*.

— O fado não chega a ser música, é apenas uma melopeia...

— E se exceptuarmos o fado de Coimbra, que é elegiaco mas não é reles, marca um triste sintoma de degenerescência, acrescentamos nós.

— Não tenciona o Maestro dar-nos obras suas?

— Não; por enquanto... Talvez porque desde muito novo senti uma certa propensão para intérprete; talvez por vêr que havia tanto a assimilar e a revelar; nunca me senti imperiosamente atraído para a composição. Não quero dizer que não haja grandes

intérpretes que ao mesmo tempo sejam criadores: eu é que ainda me não sinto com as condições necessárias para me considerar um desses.

— Por pequenas indiscreções dos seus amigos sabe-se que o Pedro de Freitas Branco se não limita a interpretar obras dos outros...

O nosso entrevistado tem um rápido sorriso e confessa:

— Sim, com efeito, algumas coisas tenho escrito. Comecei até bem novo: imagine que a primeira coisa que fiz foi cantada no salão do Conservatório tinha eu oito anos. De então para cá, tenho esboçado muita coisa, mas sem experimentar a imperiosa necessidade de escrever. Se um dia a sentir não a atraçoarei.

«Pretender criar à sobre-posse, além de ser um perigo para o compositor, não está bem... Nessa conformidade, por agora, limito-me a fazer o mais e o melhor que posso pela cultura musical do meu país. Mesmo no campo da ópera, a *Aida* não foi um caso isolado, reservo-me para o renovar e ampliar, quando as circunstâncias se proporcionem.

— O ano passado, em Paris, tive uma grande alegria ao constatar que os meus concertos são conhecidos e acompanhados lá de fora com interesse.

— Em resumo, a sua atitude actual é...

— Contribuir para que se defina e amplifique, entre nós, o gosto musical e que, ao mesmo tempo, se seleccione e depure.

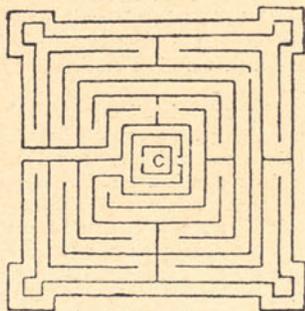
AMÉRICO DURÃO.





Passatempo

LABIRINTO



Esta é a planta de um velho labirinto inglês, que existe ainda num grande jardim particular, em Hampshire.



- Adeus, meu caro Freitas!
- Adeus, ó Fonseca!
- É que eu não sou Fonseca.
- Nem eu tampouco sou Freitas.
- Pois então não somos nem você nem eu.



A mãe estava dando aos filhos umas leves noções de política. Depois de uma série de explicações, terminou por dizer:

— Assim, estão vocês vendo que, apesar do Presidente ser o chefe do país, quem governa é o Parlamento.

O pequeno mais velho, morgadinho dos seus dez anos, ficou pensativo uns instantes e em seguida fez-se-lhe luz no cérebro.

— Já percebo, mamã. O papá também é o chefe desta casa, mas a mamã é o Parlamento.



Um sujeito distraído foi uma noite visitar um amigo. No dia imediato escreveu a êsse amigo da seguinte forma:

«Deixei o meu canivete, ontem, em tua casa; fazes favor mandas-mo se o encontras.— P. S.— Não te incomodes a mandar-me o canivete, porque já o encontrei.»



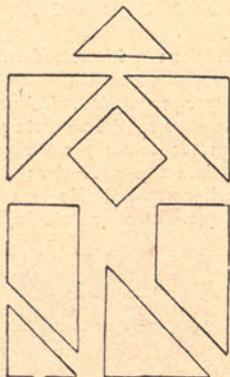
— Até que enfim, meu amor! — disse o noivo feliz, logo após a cerimônia do casamento — somos real e verdadeiramente um só, um para sempre.

— Teoricamente assim é — retorquiu a noiva moderna — mas sob o ponto de vista prático, seria conveniente encomendar jantar para dois.

Quando Francisco I, de França, quis entrar por Italia com mão armada, chamou os seus a conselho e, desencotrando-se muito as opiniões, lhe disse um bôbo muito seu valido: «Senhor, estes conselheiros de V. M. parecem-me uns tontos: tudo é contender sobre o sitio por onde entrareis na Itália, mas ninguém vos lembra o como e por onde haveis de sair.» O caso é que o bôbo teve alguma razão, porque Francisco I, perdendo a batalha de Pavia, caiu prisioneiro do imperador Carlos V.



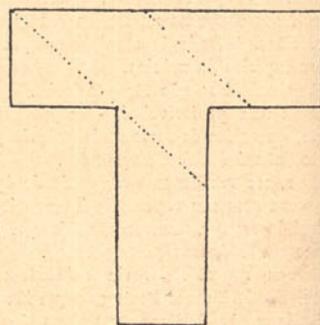
PACIÊNCIA GEOMÉTRICA



Com as oito figuras aqui representadas — cinco triangulos, um quadrado e dois trapézios irregulares — formar um quadrado.

OS PEDAÇOS DO T

(Solução)



Esta gravura mostra como o carpinteiro dispôs os pedaços para reconstituir o T, que o filho dêle tinha cortado.



Pedi um criado a el-rei D. João III uma mercê, mas el-rei antes de lha deferir, um tanto desconfiado por lhe constar que o requerente mudara de apelido, perguntou-lhe por que razão se chamava *F. Lobo*, nomeando-se seu pai e irmãos *F. F. de Matos*. O criado, que percebeu a malícia da pergunta, respondeu prontamente: — Pois, Senhor, não queria V. Alteza que de tantos matos saísse um lobo?



NO FIM SE VERIA

A recém-casada: — Oh! Fernando, deixaste a porta aberta e o vento fechou-me o livro de cosinha, de forma que não faço agora a mais pequena idéia do que estou cosinhando.

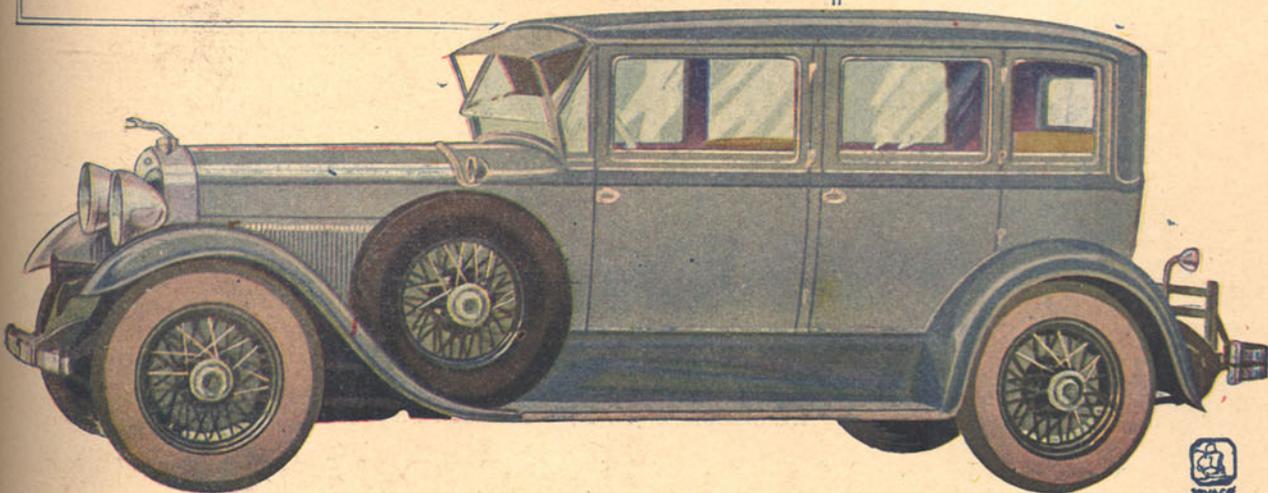


EMBRA-NOS a história das artes do ferro e do aço: A

armadura dos antigos cavaleiros era o mais perfeito que os ferreiros produziam. Era um símbolo de excelência de metal, de resistência e ajustamento das peças, numa palavra, de suprema qualidade de trabalho. Fábricas poderosas brindam também — a aristocracia moderna — do sangue e do dinheiro, com o melhor do seu trabalho. *Lincoln*, o seu automóvel predilecto, é hoje como a armadura o foi ontem, o símbolo da qualidade suprema. A melhor técnica emprega-se na sua construção — um pessoal cuidadosamente seleccionado pela sua habilidade e pela perfeição e escrupulo do seu trabalho — instrumentos de precisão que permitem uma exactidão na medida das peças, que chega a cinco milésimas do milímetro. Por isso, o motor é sólido, perfeito e tem um funcionamento seguro e isento de inquietações.

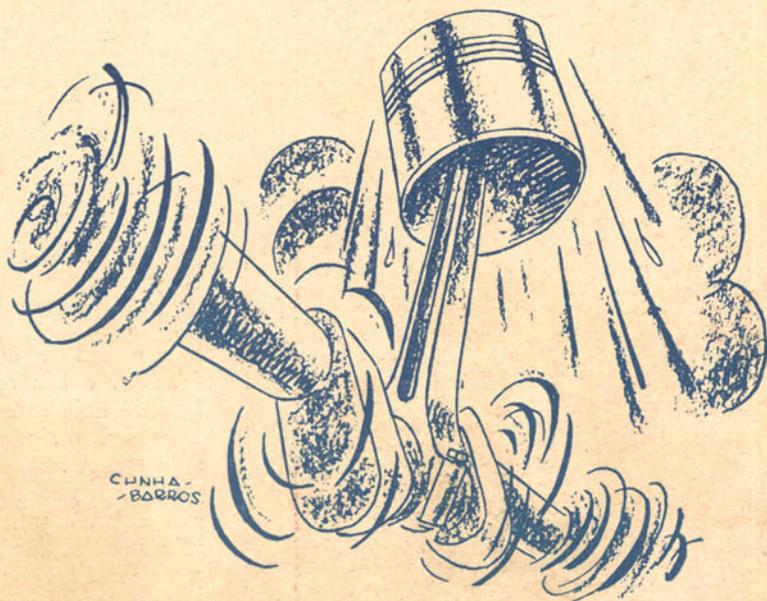
Como a armadura perfeita ontem, hoje a suprema qualidade de *Lincoln* assegura a vitória.

LINCOLN



Automóveis Lincoln — Automóveis e camions Ford — Tractores Fordson
FORD MOTOR IBERICA — Barcelona

Quanto mais rapidamente se movem os embolos mais difícil se torna movê-los.



É o que acontece nos motores modernos de cilindrada reduzida e nos quais para o desenvolvimento de uma dada potencia, é necessária uma grande compressão e uma velocidade de rotação elevada.

Daí a tremenda fricção nas paredes dos cilindros com um consequente aquecimento brutal que destrua as qualidades lubrificantes de todo e qualquer óleo, cuja fabricação não evoluciona a par das modernas conquistas na técnica dos motores de automoveis.

Gargoyle Mobiloil, fabricado pela maior Companhia de óleos lubrificantes de todo o mundo, tem acompanhado sempre as exigencias dos motores modernos. É esta a razão pela qual entre 10 carros que há para lubrificar, nos carters de 7 deles só entra Mobiloil.

92 % dos fabricantes de carros americanos aprovam o emprego de GARGOYLE MOBILOIL.



Mobiloil

O óleo mundialmente preferido pela sua qualidade

630

REFINARIAS: OLEAN (N. Y.) - ROCHESTER (N. Y.) - PAULSBORO (N. J.) - BAYONNE (N. J.)

VACUUM OIL COMPANY